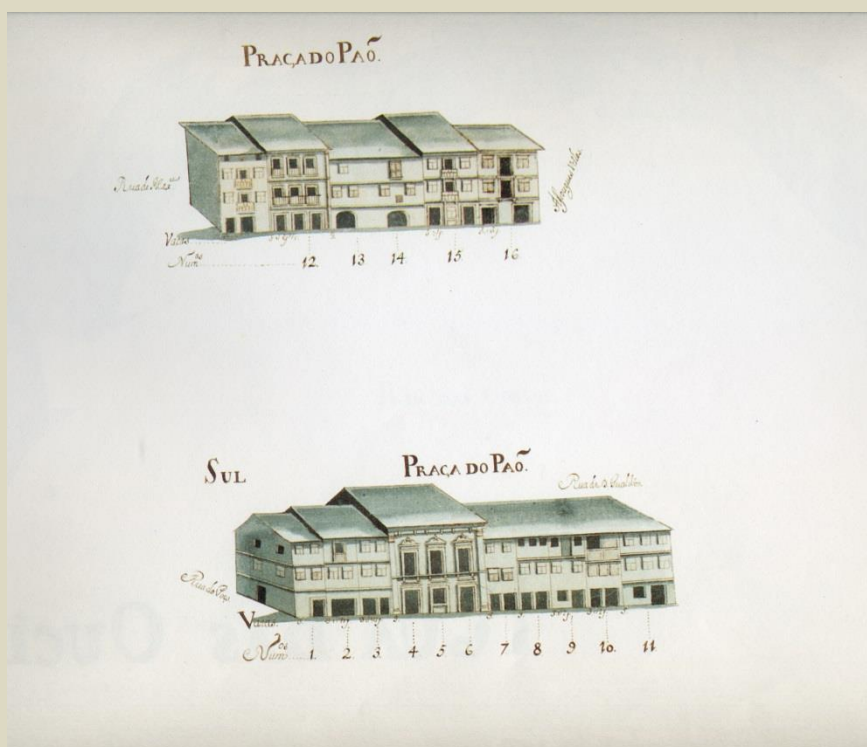


Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

SALVAMENTO DE BRACARA AUGUSTA

Escavações Arqueológicas na Rua D. Paio Mendes, nº 67-75

BRAGA



RELATÓRIO FINAL

Luís Fontes

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 45, 2014

Ficha Técnica

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**
Avenida Central, 39
P 4710-228 Braga

Direção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2014**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço eletrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

Título: SALVAMENTO DE BRACARA AUGUSTA. ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA RUA D. PAIO MENDES, Nº 65-75, BRAGA. RELATÓRIO FINAL.

Autor: **LUÍS FONTES**



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.º45

2014

SALVAMENTO DE BRACARA AUGUSTA

Escavações Arqueológicas na Rua D. Paio Mendes, nº 65-75

BRAGA

RELATÓRIO FINAL

Luís Fontes

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
2000

Os responsáveis da intervenção arqueológica e subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Diretiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

O presente relatório foi aprovado pelo IPA - Instituto Português de Arqueologia - ofício n.º 03318 de 16 de Junho de 2000.

**ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS
NA RUA D. PAIO MENDES, n.º 67-75, BRAGA**

TRABALHOS REALIZADOS ENTRE 1 DE OUTUBRO DE 1998 E 31 DE FEVEREIRO DE 1999

RELATÓRIO CIENTÍFICO

LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO

BRAGA

2000

INDICE

- 1 - Introdução
- 2 - Aspectos metodológicos
- 3 - Descrição e interpretação dos dados
 - 3.1 - Estruturas
 - 3.2 - Estratigrafias
 - 3.3 - Espólios
 - 3.4 - Sequência estratigráfica e periodização
- 4 - Considerações Finais
- 5 - Bibliografia
- 6 - Ilustrações
 - 6.1 - Desenhos
 - 6.2 - Fotografias
- 7 - Anexos
 - 7.1 - Lista de Distribuição de Complexos
 - 7.2 - Correspondência Unidades Base / Complexos
 - 7.3 - Correspondência Actividades / Unidades Base
 - 7.4 - Lista de Achados
 - 7.5 - Lista de Distribuição de Espólio
 - 7.6 - Fotocópias dos desenhos de campo

1 - Introdução

Na sequência de uma primeira apreciação, feita pelo gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, de um projecto de reconstrução, promovido pela empresa “Domingos da Silva Teixeira S.A.”, de um edifício na zona histórica da cidade de Braga, sito na rua D. Paio Mendes, n.º 67-75, e após uma primeira fase de acompanhamento arqueológico da colocação de fundações, entendeu-se ser oportuno e conveniente, considerando que o traçado da muralha romana de *Bracara Augusta* coincidia com o alinhamento traseiro do prédio, efectuar uma escavação arqueológica para confirmar esse traçado e caracterizar a sequência da ocupação urbana nesse local.

O interesse pela realização dos trabalhos arqueológicos foi reconhecido e partilhado pelos responsáveis da “Domingos da Silva Teixeira, S.A.” que, para além de proporcionarem meios técnicos e logísticos de apoio, asseguraram o financiamento integral da intervenção arqueológica, numa atitude a todos os títulos louvável e que, desde já, aqui se quer deixar sublinhado.

O enquadramento científico desta acção fez-se no âmbito do “Projecto de Salvamento de Bracara Augusta”, da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM). A direcção dos trabalhos arqueológicos foi cometida a Luis Fernando de Oliveira Fontes, arqueólogo da UAUM, sendo co-responsáveis Francisco Sande Lemos, arqueólogo da UAUM e Armandino Cunha, arqueólogo da Câmara Municipal de Braga.

Colaboraram ainda, na caracterização do espólio, os arqueólogos Manuela Delgado e Rui Morais (cerâmicas romanas de importação), Mário

Cruz (vidros) e Maria Zabaleta Estevez (numismática romana), todos colaboradores da UAUM.

A autorização para realização dos trabalhos arqueológicos foi dada pelo IPA - Instituto Português de Arqueologia, através do ofício n.º 3696, ref. 89/1 (29), de 2.NOV.1998.

Os trabalhos arqueológicos de escavação e tratamento preliminar de espólio decorreram entre Outubro de 1998 e Abril de 1999 e foram realizados pela seguinte equipa: Eurico Nuno Malheiro Machado (enquadramento escavação e desenho - técnico da UAUM); Amândio de Sousa Braga (escavação - colaborador da UAUM); Manuel António Ribeiro Carneiro (escavação - colaborador da UAUM); Miguel Fernando Dias Veiga (desenho - colaborador da UAUM); Pedro Gabriel Gonçalves Martins (escavação e desenho - colaborador da UAUM); Sandra Cristina Faria Gonçalves da Rocha (escavação e espólio - colaboradora da UAUM).

As ilustrações que acompanham este relatório foram feitas por Luis Fontes e Eurico Machado.

A documentação gráfica está depositada na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Avenida Central, 39 / 4710-282 BRAGA), devendo futuramente ser carregada no “SIABRA” (o *SIG* de Bracara Augusta). A documentação fotográfica está depositada no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Rua dos Bombeiros Voluntários / 4700 BRAGA), local onde também se depositou todo o espólio recolhido.

2 - Aspectos metodológicos

No que concerne à metodologia de escavação e registo dos dados, optou-se pela decapagem dos sedimentos por camadas naturais, recorrendo-se pontualmente (quando a sobreposição de estruturas e de estratos era complexa ou estes apresentavam grande espessura) à decapagem por níveis artificiais.

As estratigrafias e as estruturas foram registadas planimetricamente e altimetricamente em fotografia a cores (películas negativo e diapositivo) e em desenho à escala 1:20, atribuindo-se um número a cada diferente camada (estrato) de terra - “os complexos” - de acordo com a sequência da escavação.

Selecionou-se para escavação a zona poente do lote, implantando-se 4 cortes contíguos de 3x3 metros, de modo a obter uma vala orientada N/S que “cortasse” perpendicularmente a muralha, abrangendo simultaneamente o interior e o exterior da construção. A escolha do local teve por base o traçado provável sugerido pelo alinhamento das traseiras dos prédios, alinhamento esse coincidente com a identificação de troços da muralha romana na Rua Frei Caetano Brandão, a Oeste, e sob a torre da capela de Nossa Senhora da Glória, na Sé de Braga, a Este.

No conjunto dos 4 cortes (BRA.98-99.RDPM.1, 2, 3 e 4), escavados separadamente, atribuíram-se 138 “complexos”¹. Foi a estes “complexos” que se reportaram os achados de espólio, fazendo-se ainda um registo específico para achados com interesse particular (Anexo.7.4).

No final da escavação de cada corte e para efeitos de descrição estratigráfica, identificaram-se as diferentes camadas com números árabes

¹ A lista de distribuição dos complexos constitui o Anexo.7.1.

inscritos entre parêntesis **(1.1)**, **(2.5)**, **(etc.)**, em que o primeiro algarismo identifica o corte e o segundo algarismo a camada. Para facilidade descritiva e de leitura distinguiram-se as estruturas, acrescentando-se-lhes uma sigla alfanumérica, também entre parêntesis ² **(1.2=M9)**, **(2.12=M1)**, **(3.7=C2)**, **(2.17=P1)**, **(etc.)** - a letra identifica o tipo de estrutura (**Muro**; **Canalização**; **Pavimento**).

A numeração atribuiu-se sequencialmente de cima para baixo nos cortes onde não se atingiu o solo natural (RDPM.1 e 3) e de baixo para cima nos outros dois, onde se chegou à rocha (RDPM.2 e 4). Nesta fase estabeleceu-se com rigor a correspondência entre as camadas identificadas e os “complexos” que serviram para as escavar (Anexo.7.2).

Relativamente à análise da informação recorreu-se, para o estabelecimento da sequência estratigráfica e a título experimental, ao programa *ArchEd*.³, uma ferramenta informática para desenho do modelo britânico conhecido por “matriz de Harris”. Desenharam-se primeiro os diagramas de sequência estratigráfica específicos de cada corte e depois, cruzando-os, o diagrama global da estratigrafia do sítio.

Para esse efeito, consideraram-se como *Unidades de Base* (UB) as camadas-estratos, identificadas como acima se descreveu. Agruparam-se depois as *Unidades de Base* em *Actividades*, identificadas com a letra “A” e algarismos associados (A1, A2, etc.), que expressam uma articulação entre acção construtiva, função e momento histórico. Como unidades de síntese definiram-se as *Fases*, identificadas por numeração romana (I, II, III, etc.), que agrupam ou associam *Actividades*. Com base na cronologia relativa

² Nos desenhos a identificação das estruturas indica-se dentro de um círculo.

³ Programa *ArchEd*, Version 1.0 (1996-1999 by MPI fuer InformATIK, Germany), desenvolvido por Christoph Hundack, Petra Mutzel, Igor Pouchkarev e Stefan Thome. Obtido gratuitamente no endereço <http://www.mpi-sb.mpg.de/~arche/>

decorrente do diagrama estratigráfico e nos indicadores cronológicos proporcionados pelo espólio, deduziram-se os períodos de ocupação do local.

Concluídos os trabalhos arqueológicos, as ruínas descobertas foram protegidas com tela geotêxtil e recobertas com inertes dessalinizados (areão e gravilha). As valas foram finalmente entulhadas com terras sobrantes e reposta a topografia inicial.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

3 - Descrição e interpretação dos dados

Para uma melhor compreensão do posicionamento espacial das estruturas e estratigrafias, a leitura das descrições que a seguir se apresentam deve ser feita a par da observação dos respectivos desenhos e fotografias constantes das Ilustrações, particularmente as Figuras 7, 8 e 9.

3.1 - Estruturas

M.1 - Massa pétreia granítica formada por cascalho, calhaus e grandes blocos paralelepípedicos não afeiçoados, acumulados de forma compactada e ligados com argamassa saibrosa de consistência variável. Alicerça-se directamente na rocha granítica.

Esta massa pétreia, que se estende pelos quatro cortes escavados ocupando quase dois terços da área escavada, dispõe-se no sentido E/O, sendo limitada a Sul por um paramento definido por blocos graníticos poligonais com um lado faceado, montados em aparelho poligonal irregular. No lado Norte seria contida por um outro paramento, que se individualizou, por razões de natureza estratigráfica, como M.2 (ver descrição a seguir). Considerando como limites os dois paramentos referidos, teria cerca de 6 metros de espessura.

Pelas características construtivas, semelhantes às de estruturas de idêntica envergadura detectadas na zona do Hospital de S. Marcos, Quinta do Fujacal e traseiras do convento da Imaculada Conceição, interpreta-se esta estrutura como parte do tramo da muralha romana que envolvia *Bracara Augusta* pela banda Norte, numa implantação coincidente com o traçado

sugerido pela generalidade dos investigadores que se têm debruçado sobre o assunto. Achados recentes sob a torre da capela de Nossa Senhora da Glória (Sé de Braga) e na rua D. Frei Caetano Brandão, comprovam o prolongamento desta muralha para nascente e poente (LEMOS et al. 1998).

A sedimentação associada à sua construção e utilização, designadamente os estratos que integram as Actividades A2 a A7, forneceu fragmentos cerâmicos e numismas com uma cronologia que se estende de finais do século III e inícios do século IV até aos séculos XII-XIII.

A sua implantação no alinhamento da Rua Gualdim Pais, que os estudos de urbanismo romano consideram conservar o traçado dessa época, bem como a proximidade da sede episcopal, são elementos que podem sugerir, como noutras cidades romanas com ocupação cristã medieval, a existência de uma importante porta da muralha nas proximidades e que, neste caso, daria ligação à via *Bracara - Lucus*, por *Limia* e *Tude*. A circunstância de a Rua Gualdim Pais desembocar, na Idade Média, nesta zona, num largo que se estendia à fachada da catedral, então designado por Praça do Pão, constitui um facto que parece reforçar a possibilidade de existência de uma porta nas proximidades.

O troço Norte da muralha romana de *Bracara Augusta* incorporaria o sistema defensivo medieval ainda ao tempo da edificação da catedral românica, desactivando-se a partir de finais do século XII e inícios do século XIII com o alargamento da cerca medieval para Norte. A confirmar esta desactivação refira-se, a título de exemplo, que em 1330 a torre da capela de Nossa Senhora da Glória, anexa à catedral bracarense, é construída sobre um troço da muralha romana.

M.2 - Muro de alvenaria de blocos poligonais de granito, irregulares, fragmentos de tijolo e argamassa de terra e saibro. Situado no limite do corte RDPM.3 com RDPM.4, dispõe-se no sentido E/O, assentando a face meridional sobre a massa pétreo correspondente à estrutura M.1. A outra face desce a maior profundidade, sobrepondo-se à estrutura M.2a. A espessura do muro é maior na base que no topo, evidenciando-se uma maior inclinação na face Norte.

Pela sua imbricação com M.1 e M.2a, interpreta-se este muro como embasamento do paramento que, coincidindo com o alinhamento da face exterior da muralha, receberia um torreão semicircular (a estrutura M.2a), a exemplo do que acontece no tramo de muralha com torreões do Fujacal.

M.2a - Em RDPM.4 identificou-se uma fiada regular de silhares graníticos montados de modo cuidado, como se percebe pelas juntas estreitas sem argamassa, que se dispõe radialmente desenhando um alinhamento semicircular, com projecção para Norte.

Arrancando sob a estrutura M.2, na qual imbrica, esta estrutura M.2a corresponderá a parte do embasamento de um torreão semicircular com cerca de 7 metros de diâmetro, semelhante aos que, como se sabe, se dispunham espaçadamente ao longo da muralha romana, contra a sua face externa.

M.3 - Muro de alvenaria de blocos graníticos poligonais, com faces grosseiramente alinhadas e miolo preenchido por argamassa de terra, saibro e cascalho. Com cerca de 0,75 metros de espessura, esta estrutura está orientada E/O, identificando-se apenas no canto Nordeste do corte RDPM.3 (aqui

encaixaria uma parede perpendicular, como sugere a pequena parte de paramento que ficou à vista com a limpeza do perfil Este do corte RDPM.4).

Implantados sobre o M.2, interpretam-se estes vestígios como restos de uma parede que sobrepôs o alinhamento exterior da muralha romana. Com base na ergologia dos materiais cerâmicos que incorporavam os sedimentos correlacionados, este M.3 testemunha uma ocupação alto-medieval, podendo mesmo admitir-se que possa ter constituído uma espécie de reforço do paramento exterior da muralha, que ainda estaria activa nos séculos XI-XIII.

M.4 - Com características semelhantes ao M.3 mas com pouco mais de 1 metro de espessura, também esta estrutura está orientada E/O, identificando-se apenas na metade poente do corte RDPM.2. A sua implantação rompeu sedimentações anteriores.

Interpretam-se estes vestígios como restos do alicerce de uma parede, que integraria um edifício cujas dimensão e funcionalidade desconhecemos. Os materiais cerâmicos que incorporavam os sedimentos associados não permitem estabelecer qualquer cronologia. Pode apenas adiantar-se que este M.4 se posiciona, em termos de correlação estratigráfica, no mesmo nível de M.3, pelo que se admite uma cronologia contemporânea.

M.5 - Muro de alvenaria com cerca de 1,25 metros espessura, de blocos graníticos poligonais de grandes dimensões mas apenas com uma superfície trabalhada, aquela que define as faces alinhadas da parede. O miolo é preenchido por argamassa de terra, saibro e cascalho. A única fiada de parede conservada é suportada por um alicerce, implantado na massa pétreo do M.1, com características construtivas semelhantes às descritas para os M.2, 3 e 4.

Orientada N/S, esta parede foi identificada apenas no corte RDPM.3, onde aparece associada a um nível de circulação pavimentado com pedras, tipo “calçada portuguesa” (identificado como P.4), que se estende a um segundo compartimento mais para Sul, para o corte RDPM.1. Na sedimentação de abandono recolheram-se materiais cerâmicos datáveis dos primeiros séculos da época moderna.

No canto Sudoeste do corte RDPM3, esta parede parece articular-se com outro muro, que se desenvolve perpendicularmente para Oeste, compartimentando o pavimento de calçada. Trata-se do M.5a, que descrevemos a seguir.

M.5a - Muro de alvenaria com aparelho irregular de blocos graníticos poligonais, de média dimensão, com miolo de argamassa de terra, saibro, cascalho e fragmentos de tijolo. Com cerca de 0,60 metros de espessura, esta parede alicerça-se na massa pétrea de M.1, cuja parte superior rompeu.

Está associado ao acima referido pavimento de calçada granítica, definindo, pela sua orientação E/O, um compartimento Norte e outro meridional.

M.6 - Muro com características construtivas semelhantes às do M.5a. Com orientação N/S, esta parede corresponde à redução de espessura do M.5 para os 0,60 metros, mantendo a face nascente. À nova face poente encostou-se um segundo pavimento de calçada (P.6), que recobriu parcialmente o anterior M.5.

Desenvolvendo-se pelos cortes RDPM.1, 3 e 4, este pavimento sobrepõe o M.5a e encosta ao M.6a, sendo este uma parede perpendicular ao M.6, com o qual desenha um canto de compartimento na banda Norte de RDPM.4. O grande bloco granítico, cúbico, incorporado no topo setentrional de M.6, parece marcar o cunhal desse compartimento.

Com o M.6a, esta parede e o nível de circulação P.6 testemunham uma remodelação construtiva datável, de modo genérico e com base nas cerâmicas recolhidas nos sedimentos associados, do século XVIII.

M.6a - Muro construtivamente idêntico a M.6. Para a sua contextualização, ver descrição acima.

M.7 - Restos de parede com características construtivas semelhantes às de M.3. Localizados ao centro do corte RDPM.4, estes vestígios, que não aparecem na planta geral final nem nos perfis estratigráficos, testemunham a existência de uma parede que arrancava perpendicularmente do M.5, para Este, estando-lhe associado um nível de circulação térreo (P.5). A correlação estratigráfica sugere para esta estrutura uma contemporaneidade com a remodelação associada ao M.6.

M.8 - Alinhamento irregular de blocos graníticos de dimensões variáveis, interligados com terra e areia, formando uma espécie de sapata com cerca de 1,5 metros de largura, sobre a qual se levantava uma parede. Trata-se dos restos do alicerce da parede correspondente ao alçado posterior do edifício demolido no decurso da obra, edifício de que se conservou apenas a fachada principal.

Com uma orientação E/O, dividindo os cortes RDPM. 1 e 2, este alicerce implanta-se directamente sobre o coroamento da face interna da muralha romana, rompendo igualmente o nível de circulação P.6. A sua construção deverá datar da segunda metade do século XIX, senão mesmo das primeiras décadas do século XX ⁴.

M.9 - Sapatas e vigas de betão armado correspondentes às fundações do edifício em construção pela DST.

P.1 - Camada lenticular de terra, saibro e cascalho, com cerca de 0,10 metros de espessura, identificada no corte RDPM.2, que se interpreta como parte de um piso, neste caso térreo, da rua ou espaço não edificado, o *intervallum*, que acompanharia interiormente todo o perímetro da cerca romana. Admite-se, contudo, que se possa tratar não propriamente de um piso mas de uma regularização e compactação intermédias do aterro.

P.2 - Camadas lenticulares de areão, saibro e cascalho, com cerca de 0,10 metros de espessura, fortemente compactadas, identificadas no corte RDPM.2 e que se interpretam como parte de um piso térreo do *intervallum*. Tal como para P.1 admite-se, também, que se possa tratar não propriamente de um piso mas de uma regularização e compactação intermédias do aterro.

⁴ A fachada deste edifício não aparece desenhada no “Mappa das Ruas de Braga”, de 1750. É provável que a sua construção esteja relacionada com a remodelação desta zona urbana feita em 1868, correspondente à ligação das então Rua de Maximinos e Praça do Pão, originando o que é actualmente a Rua D. Paio Mendes (OLIVEIRA 1993:95-96). O revestimento da fachada com azulejo, que no entablamento da cornija apresenta uma decoração *Arte Nova*, aponta para uma cronologia em torno da transição do século XIX ao século XX.

P.3 - Camada lenticular de terra e saibro, com cerca de 0,05 metros de espessura, muito compacta, identificada no corte RDPM.2, que se interpreta como parte de um terceiro e último piso do *intervallum*.

No perfil Este do referido corte, numa extensão de 1,5 metros, este piso dava lugar, mantendo a mesma cota da superfície, a um revestimento de lajes graníticas, que apresentavam a face superior polida por desgaste. Poderá, assim, colocar-se a hipótese de, para nascente da zona escavada, o *intervallum* incorporar uma área pavimentada com lajes pétreas ⁵.

P.4 - Pavimentação com blocos graníticos poligonais assentes em camada de areia e terra, de tipo “calçada portuguesa”. Apresentam a face superior polida por desgaste. Foi identificada nos cortes RDPM.1 e 3, numa extensão de 4 metros. Corresponde ao piso interior de compartimentos parcialmente definidos pelas estruturas M.5 e M.5a.

P.5 - Camadas lenticulares de terra e saibro, com cerca de 0,06 metros de espessura, compactadas, identificadas no corte RDPM.4, que se interpretam como parte de um piso térreo associado à estrutura identificada como M.7.

P.6 - Pavimentação com blocos graníticos assentes em camada de areia e terra, de tipo “calçada portuguesa”. Apresentam a face superior polida por desgaste. Foi identificada nos cortes RDPM.1, 3 e 4, numa extensão aproximada de 12 metros. Corresponde ao piso interior de um compartimento parcialmente definido pelas estruturas M.6 e M.6a.

⁵ A admitir-se a proximidade de uma porta neste troço de muralha, este pavimento lajeado poderá corresponder a uma espécie de plataforma pétreo, para assentamento de uma estrutura de acesso à parte

C.1 - “Canalização” estruturada por duas paredes paralelas, com orientação e pendor S/N, em alvenaria de blocos de granito, que nunca ultrapassa as duas fiadas de altura. A parede poente assenta no piso P.6, e a oposta sobre a face nascente da estrutura M.6.

Identificada apenas no corte RDPM.4, numa extensão de 2 metros, apresenta leito de terra e cobertura, conservada apenas no topo Norte, de lajes igualmente graníticas. A secção desenha um vão rectangular com cerca de 0,30 metros de altura por 0,20 de largura, que se apresentava parcialmente preenchido com sedimentação arenosa, característica de transporte hídrico.

Pelas características construtivas e de implantação, interpreta-se esta estrutura como uma canalização de drenagem de águas, já de época moderna tardia, mas sem qualquer relação evidente com as estruturas existentes na zona.

C.2 - “Canalização” estruturada por duas paredes paralelas, com orientação e forte pendor SO/NE, em alvenaria de blocos de granito, que nunca ultrapassa as três fiadas de altura. Assenta no miolo da estrutura M.1.

Identificada nos cortes RDPM.1 e 3, numa extensão de 5 metros, apresenta leito de terra e sólida cobertura formada por grandes lajes e silhares graníticos reaproveitados. A secção desenha um vão quadrado com cerca de 0,60 metros de altura por 0,60 de largura, que se apresentava parcialmente preenchido com sedimentação arenosa, característica de transporte hídrico.

Pelas características construtivas e de implantação, interpreta-se esta estrutura como uma canalização de drenagem de águas residuais, já de época moderna tardia, como evidenciam os fragmentos de faiança recolhidos no seu interior. Não foi possível clarificar se a edificação correspondente ao M.8 incorporou esta canalização ou se a desactivou.

3.2 - Estratigrafias

No conjunto dos quatros cortes escavados identificaram-se 152 diferentes camadas ou UB. Para evitar a repetição desnecessária de descrições, a listagem que a seguir se apresenta corresponde à das UB integradas no diagrama global da sequência estratigráfica dos quatro cortes escavados, onde se estabelecem já as equivalências entre as diferentes UB de cada corte. Por razões analíticas, consideraram-se as estruturas como UB, descrevendo-se aqui mais resumidamente do que no sub-capítulo anterior.

(1.1)=(2.53)

Entulhamento da fundação de M9. Terra castanha manchada de escuro, de matriz arenosa e consistência mediana. Contém calhaus, cascalho, fragmentos de telhas e de estuque.

(1.2=M9)=(2.54=M9)

Fundações de betão armado.

(1.3)=(3.1)=(4.40)

Solo do jardim pré-existente. Terra cinzenta escura, de matriz humosa e

fraca consistência. Contém pequenas bolsas de saibro amarelo e estuque branco, cascalho, calhaus e fragmentos de telha.

(1.4)=(3.2)

Aterro. Terra amarelada, de matriz saibrosa, consistente. Contém cascalho e fragmentos de telha.

(1.5)

Variação de cor mais clara da UB anterior.

(1.6)= (1.7)=(3.3)=(4.36)

Aterro. Terra de cor predominante castanha escura, com manchas mais claras, de matriz arenosa e fraca consistência. Contém calhaus, cascalho, fragmentos de telha, pontos de carvão e abundantes raízes.

(1.8)=(3.4)

Aterro. Terra de cor castanha amarelada, de matriz saibrosa e consistência mediana. Contém pequenas bolsas de estuque branco, cascalho e fragmentos de telha.

(1.9)=(3.5)

Aterro. Terra de cor castanha escura, matriz arenosa e consistência média. Contém cascalho, fragmentos de telha e pontos de carvão.

(1.9a=C2)=(3.7=C2)

Canalização de vazamento de águas residuais, estruturada por duas paredes paralelas, em alvenaria de blocos poligonais de granito afeiçoados e fragmentos de telha. O leito é térreo, com acentuado pendor descendente para Norte. A cobertura é de grandes lajes de granito, que se dispõe transversalmente recobrando as paredes laterais. Incorpora elementos

construtivos reutilizados, como silhares "almofadados" e guarnições de vãos. A secção desenha um vão interior quadrado com cerca de 0,60 metros de altura por 0,60 de largura.

(1.10)=(2.40)

Aterro de fundação. Terra de cor cinzenta escura, matriz arenosa e consistência média. Contém cascalho, fragmentos de telha e pontos de carvão.

(1.10a=M8)=(2.39=M8)

Alicerce formado por um muro de dupla face, de blocos poligonais de granito, de tamanhos variáveis e montados em aparelho irregular. Miolo de calhaus e cascalho com argamassa de matriz arenosa e coloração amarelada.

(1.11)=(3.10)

Aterro. Terra de cor amarelada, matriz saibrosa e compacta. Contém alguns fragmentos de telha, pontos de estuque branco e incorpora uma bolsa de fragmentos de telha e de estuque.

(1.12)

Aterro. Terra de cor castanha muito escura, matriz arenosa e consistência mediana. Contém cascalho, fragmentos de telha pontos de carvão.

(1.13=P6)=(3.13=P6)=(4.26=P6)

Pavimento de blocos poligonais de granito do tipo "calçada portuguesa". As faces superiores apresentam-se polidas, por usura.

(1.14)=(3.15)

Aterro. Terra de cor castanha-amarelada, matriz areno-argilosa e média consistência. Contém alguns calhaus, cascalho e fragmentos de telha.

(1.15)=(3.25)

Lentícula de terra de cor alaranjada, matriz argilosa e consistência média.

(1.16)=(3.26)

Derrube. Acumulação compacta de fragmentos de telha e de tijolo, com terra de cor alaranjada de matriz aeno-argilosa.

(1.17=P4)=(3.27=P4)

Pavimento de blocos poligonais de granito do tipo "calçada portuguesa". As faces superiores apresentam-se polidas, por usura.

(1.18)=(3.29)

Aterro de fundação. Terra de cor castanha, matriz arenosa e consistente. Abundância de cascalho.

(1.19)

Terra de coloração castanha, matriz arenosa e pouco consistente. Contém alguns calhaus e cascalho.

(1.20=M1)=(1.21=M1)=(2.12=M1)=(3.34=M1/M2)=(4.2=M2/M2a)

Miolo da estrutura. Acumulação compacta de calhaus e cascalho, com terra de coloração castanha-acinzentada, alternando com camadas de argamassa de coloração amarelada, matriz saibrosa e elevada consistência.

(1.21=M1)=(1.20=M1)=(3.34=M1/M2)=(4.2=M2/M2a)

ver descrição UB (1.20=M1)

(2.1)

Deposição natural. Terra de cor cinzenta, matriz areno-argilosa, consistência média. Contém cascalho e alguns pontos de carvão.

(2.2)

Deposição natural. Terra de cor castanha, matriz arenosa e consistente. Contém raro cascalho e bolsas de saibro.

(2.3)

Deposição natural. Lentícula de cor amarelada, matriz saibrosa e consistência mediana.

(2.4)

Terra de cor cinzenta-amarelada, matriz areno-argilosa, consistente. Contém algum cascalho e pontos de carvão.

(2.5)

Terra de cor cinzenta, matriz areno-argilosa, consistente. Contém algum cascalho e pontos de carvão.

(2.6)

Terra de cor cinzenta escura, matriz areno-argilosa e consistência mediana. Contém abundantes pontos de carvão, cascalho e fragmentos de telha.

(2.7)

Terra de cor castanha-amarelada, matriz arenosa e consistência mediana. Contém cascalho e fragmentos de tijolo.

(2.8)

Terra de cor castanha escura, matriz arenosa e elevada consistência. Incorpora algum cascalho.

(2.9)

Terra de cor castanha-acinzentada, matriz arenosa e consistência média. Contém cascalho, fragmentos de tijolo e pontos de carvão.

(2.10)

Lentícula de terra de cor cinzenta escura, matriz areno-argilosa, consistente.

(2.11)

Nível de circulação. Terra de cor castanha-amarelada, matriz saibrosa e elevada consistência. Contém calhaus, cascalho e fragmentos de tijolo.

(2.12=M1)=(1.20=M1)=(1.21=M1)=(3.34=M1/M2)=(4.2=M2/M2a)

Paramento de parede em alvenaria de blocos poligonais de granito, de tamanhos variáveis, faceados, montados irregularmente e com juntas tomadas por argamassa saibrosa, cascalho e fragmentos de tijolo. Apresenta alguns blocos, não faceados, salientes do prumo da parede.

(2.13)

Aterro de vala de fundação. Terra de cor castanha escura, matriz arenosa e média consistência. Incorpora bolsas amareladas de saibro, cascalho, fragmentos de tijolo e pontos de carvão.

(2.14)

Aterro de vala de fundação. Lentícula de saibro amarelado, compacto.

(2.15)

Aterro. Terra de cor castanha escura, matriz arenosa e consistência média. Contém cascalho, fragmentos de telha e de tijolo e pontos de carvão.

(2.16)

Aterro. Terra de cor castanha-avermelhada, matriz arenosa e consistência mediana. Incorpora alguns calhaus, bastante cascalho e fragmentos de tijolo e telha e pontos de carvão.

(2.17=P1)=(2.18=P1)

Nível de circulação. Lenticula de terra de coloração castanha-avermelhada, com bolsas amareladas, matriz arenosa e consistência média. Contém cascalho e fragmentos de tijolo e telha.

(2.18=P1)=(2.17=P1)

Nível de circulação. Lenticula de terra de cor cinzenta escura, matriz areno-argilosa, compacta. Algum cascalho e fragmentos de tijolo.

(2.19)

Aterro. Variação mais avermelhada e mais compacta da UB (2.16).

(2.20=P2)= (2.21=P2)= (2.22=P2)

Pavimento térreo. Lenticula de areão de cor amarelada, matriz saibrosa, muito compacta.

(2.21=P2)=(2.20=P2)=(2.22=P2)

Pavimento térreo. Lenticula de areia de cor amarela escura, matriz saibrosa, muito compacta. Incorpora algum cascalho.

(2.22=P2)=(2.20=P2)=(2.21=P2)

Pavimento térreo. Lentícula de areão de cor cinzenta, matriz saibrosa fina, muito compacta.

(2.23)

Aterro. Terra de cor castanha, matriz arenosa e elevada consistência. Contém cascalho, fragmentos de tijolo e telha e pontos de carvão.

(2.24=P3)

Pavimento térreo. Lentícula de terra de coloração castanha-acinzentada, matriz arenosa e bastante compacta. Incorpora algum cascalho e bolsas amareladas de matriz saibrosa.

(2.25)

Aterro. Terra de cor castanha escura, matriz arenosa e consistência elevada. Contém abundante cascalho e alguns fragmentos de tijolo.

(2.26=P3a)

Pavimento de lajes poligonais de granito, com juntas preenchidas por cascalho e argamassa saibrosa de cor amarelada. As faces superiores das lajes apresentam-se polidas, por usura.

(2.27)

Aterro. Terra de cor castanha-acinzentada com bolsas amareladas, matriz arenosa e consistência mediana. Incorpora cascalho, fragmentos de tijolo e telha e pontos de carvão.

(2.28)

Aterro. Terra de cor castanha com bolsas amareladas, matriz arenosa e média consistência. Contém algum cascalho.

(2.29)

Aterro de fundação. Terra de cor castanha escura, matriz arenosa e consistente. Incorpora algum cascalho.

(2.30=M4)

Alicerce formado por um muro de dupla face, de blocos poligonais de granito, de tamanhos variáveis e montados em aparelho irregular com miolo de terra castanha, calhaus e cascalho.

(2.31)

Aterro. Terra de cor castanha-acinzentada, matriz arenosa e consistência mediana. Incorpora muito cascalho e fragmentos de tijolo e pontos de carvão.

(2.32)

Aterro. Terra de cor castanha-avermelhada, matriz arenosa e consistência mediana. Incorpora alguns calhaus, bastante cascalho e fragmentos de tijolo e telha e pontos de carvão.

(2.33)

Aterro. Terra de cor cinzenta clara, matriz arenosa e consistência média. Contém pouco cascalho e pontos de carvão.

(2.34)

Aterro. Variação da UB (2.33) por incorporar abundante cascalho.

(2.35)

Aterro. Terra de cor cinzenta, matriz arenosa e consistência média. Contém muito cascalho miúdo e pontos de carvão.

(2.36)

Aterro. Variação da UB (2.35) contendo pouco cascalho.

(2.37)

Aterro. Terra de cor cinzenta, matriz arenosa e consistência média. Contém muito cascalho miúdo e pontos de carvão.

(2.38)

Aterro de fundação. Argamassa de coloração alaranjada, matriz argilosa e consistência mediana. Incorpora algum cascalho.

(2.39=M8)=(1.10a=M8)

ver descrição UB (1.10a=M8)

(2.40)=(1.10)

ver descrição UB (1.10)

(2.41)

Aterro de fundação. Lenticula de cor amarela e matriz saibrosa.

(2.42)

Aterro de fundação. Terra de cor castanha com manchas amareladas e cinzentas, matriz arenosa e consistência mediana. Incorpora cascalho, fragmentos de telha e pontos de carvão.

(2.43)

Aterro. Terra de cor castanha escura com manchas amarelas e negras, matriz areno-argilosa e consistência mediana. Contém calhaus, cascalho e alguns fragmentos de tijolo e telha.

(2.44)

Aterro. Terra de cor amarelada com manchas castanhas escuras, matriz areno-argilosa e consistência mediana. Contém calhaus, cascalho e alguns pontos de carvão.

(2.45)

Aterro. Terra de cor cinzenta escura, matriz areno-argilosa e consistência média. Contém calhaus, cascalho e alguns fragmentos de tijolo e telha e pontos de cavão.

(2.46)

Escorrência. Areão de cor acinzentada, pouco consistente.

(2.47)

Aterro. Lentículas de terra alaranjada, matriz areno-argilosa, consistência mediana. Incorpora algum cascalho.

(2.48)

Aterro. Terra de cor castanha-avermelhada, matriz arenosa e consistência mediana. Incorpora algum cascalho e fragmentos de telha e pontos de carvão.

(2.49)

Aterro. Terra de cor castanha-ferruginosa, matriz areno-argilosa, consistência variável. Incorpora muitos calhaus, cascalho e fragmentos de telha e tijolo e pontos de carvão.

(2.50)

Aterro. Variação mais compacta da UB (2.49).

(2.51)

Aterro. Terra de cor predominantemente amarelada, com manchas castanhas escuras, matriz areno-argilosa, consistência média. Incorpora calhaus, cascalho e fragmentos de telha.

(2.52)

Aterro. Terra de cor preta, matriz humosa, consistência variável

(2.53)=(1.1)

ver descrição UB (1.1)

(2.54=M9)=(1.2=M9)

ver descrição UB (1.2=M9)

(3.1)=(1.3)=(4.40)

ver descrição UB (1.3)

(3.2)=(1.4)

ver descrição UB (1.4)

(3.3)= (1.6)= (1.7)=(4.36)

ver descrição UB (1.6)

(3.4)= (1.8)

ver descrição UB (1.8)

(3.5)=(1.9)

ver descrição UB (1.9)

(3.6)

Aterro. Terra de cor castanha-amarelada, matriz arenosa, consistente. Incorpora calhaus, cascalho e fragmentos de tijolo e telha.

(3.7=C2)=(1.9a=C2)

ver descrição UB (1.9a=C2)

(3.8)

Aterro. Terra de cor castanha-avermelhada, matriz arenosa e consistência mediana. Contém algum cascalho e pontos de carvão.

(3.9=C1)=(4.34=C1)

Canalização de vazamento de águas residuais, estruturada por duas paredes paralelas, em alvenaria de blocos poligonais de granito afeiçoados e fragmentos de telha. O leito é térreo, com ligeiro pendor descendente para Norte. A cobertura é de lajes de granito, que se dispõe transversalmente apoiando-se nos bordos interiores das paredes laterais. A secção desenha um vão interior rectangular com cerca de 0,30 metros de altura por 0,20 de largura.

(3.10)=(1.11)

ver descrição UB (1.11)

(3.11)=(4.29)

Aterro. Lenticula de terra de cor amarela escura, matriz argilosa (tipo argamassa), consistência média. Incorpora algum cascalho.

(3.12)=(4.28)

Derrube / Incêndio. Terra de cor negra, matriz areno-argilosa, consistência fraca. Incorpora carvões e cinzas, cascalho e fragmentos de telha.

(3.13=P6)=(1.13=P6)=(4.26=P6)

ver descrição UB (1.13=P6)

(3.14)

Leito de assentamento do pavimento correspondente à UB (3.13). Terra de cor castanha-acinzentada, matriz arenosa e consistência variável. Incorpora cascalho e fragmentos de telha e pontos de carvão.

(3.15)=(1.14)

ver descrição UB (1.14)

(3.16=M6)=(4.18=M6)=(4.19=M6a)

Parede de dupla face, formadas por blocos poligonais de granito, de tamanhos variáveis e montados em aparelho irregular com miolo de terra castanha, calhaus e cascalho. Esta parede alicerça-se numa outra parede, correspondente à UB (3.28=M5/M5a).

(3.17)=(4.24)

Derrube / Aterro. Terra de cor alaranjada, matriz areno-argilosa, consistência mediana. Incorpora calhaus, cascalho e fragmentos de telha, e pequenas bolsas de estuque de cor branca.

(3.18)

Aterro. Bolsa de terra preta, matriz areno-argilosa, consistência média. Contém muitos carvões e algum cascalho.

(3.19)

Aterro. Terra de cor amarelada, matriz saibrosa, consistente.

(3.20)

Aterro. Terra de cor castanha-acinzentada, matriz areno-argilosa, consistência média. Incorpora bolsas amareladas de matriz saibrosa, algum cascalho, fragmentos de telha e pontos de carvão.

(3.21)

Aterro. Variação mais acinzentada da UB (3.20).

(3.22)=(4.23)

Aterro. Terra de cor cinzenta-amarelada, matriz arenosa, consistência mediana. Contém cascalho, fragmentos de telha e tijolo e pontos de carvão.

(3.23)

Incêndio. Terra de cor negra, matriz areno-argilosa, consistência média. Incorpora carvões e cinzas, cascalho e fragmentos de telha.

(3.24)

Aterro. Terra de cor cinzenta escura, matriz arenosa e consistência mediana. Incorpora calhaus, cascalho, fragmentos de telha e pontos de carvão.

(3.25)=(1.15)

ver descrição UB (1.15)

(3.26)=(1.16)

ver descrição UB (1.16)

(3.27=P5)=(1.17=P5)

ver descrição UB (1.17=P5)

(3.28=M5/M5a)=(4.17=M5)

Parede de dupla face, formadas por blocos poligonais de granito, de tamanhos variáveis e montados em aparelho irregular com miolo de calhaus e cascalho em argamassa saibrosa de cor alaraanjada.

(3.29)=(1.18)

ver descrição UB (1.18)

(3.30=M3)=(4.15=M3)

Alicerce formado por um muro de dupla face, de blocos poligonais de granito, de tamanhos variáveis e montados em aparelho muito irregular com miolo de terra castanha, calhaus e cascalho.

(3.31)=(4.14)

Aterro. Terra de cor castanha escura, matriz arenosa e consistência mediana. Incorpora cascalho, fragmentos de telha e pontos de carvão.

(3.32)=(4.11)

Derrube / Aterro. Terra de cor castanha, matriz arenosa e consistência variável. Contém abundantes calhaus, cascalho e fragmentos de tijolo e telha.

(3.33)=(4.9)

Aterro. Terra de cor castanha escura, matriz arenosa e consistência média/alta. Incorpora alguns calhaus, cascalho e fragmentos de tijolo.

(3.34=M1/M2)=(1.20=M1)=(1.21=M1)=(4.2=M2/M2a)

ver descrição UB (1.20=M1)

(4.1)

Aterro. Terra de cor cinzenta escura, matriz areno-argilosa e consistência mediana. Contém pontos de carvão, cascalho e fragmentos de telha.

(4.2=M2/M2a)=(1.20=M1)=(1.21=M1)=(3.34=M1/M2)

ver descrição UB (1.20=M1)

(4.3)

Aterro. Terra de cor amarelada, matriz arenosa e consistência mediana. Contém cascalho e fragmentos de tijolo.

(4.4)

Aterro. Terra de cor castanha-amarelada, matriz arenosa e consistência mediana. Contém algum cascalho e pontos de carvão.

(4.5)

Aterro. Terra de cor amarelada, matriz arenosa e consistência mediana. Contém cascalho e fragmentos de tijolo.

(4.6)

Derrube / Aterro. Terra de coloração cinzenta escura a preta, matriz areno-argilosa, consistência média. Contém calhaus, cascalho e fragmentos de tijolo, de telha e de carvão.

(4.7)

Derrube / Aterro. Terra de cor castanha-amarelada, matriz saibrosa e consistência mediana. Incorpora calhaus, cascalho e alguns fragmentos de telha.

(4.8)

Derrube. Terra de cor castanha, matriz arenosa e fraca consistência. Abundância de calhaus, alguns de grandes dimensões, cascalho e fragmentos de telha e tijolo.

(4.9)=(3.33)

ver descrição UB (3.33)

(4.10)

Derrube / Aterro. Terra de cor cinzenta escura, matriz areno-argilosa e consistência mediana. Alguns calhaus, abundância de cascalho e fragmentos de tijolo e telha.

(4.11)=(3.32)

ver descrição UB (3.32)

(4.12)

Aterro. Terra de coloração amarela escura, matriz arenosa e consistência média. Contém abundante cascalho e alguns fragmentos de telha e tijolo.

(4.13)

Aterro. Terra de cor castanha-amarelada, matriz arenosa, consistente. Incorpora calhaus, cascalho e fragmentos de telha e de tijolo.

(4.14)=(3.31)

ver descrição UB (3.31)

(4.15=M3)=(3.30=M3)

ver descrição UB (3.30=M3)

(4.15a)

Derrube. Terra de cor cinzenta escura, matriz areno-argilosa e consistência mediana. Alguns calhaus, cascalho e fragmentos de tijolo e telha e pontos de carvão.

(4.16)

Aterro de fundação. Terra de cor castanha escura, matriz arenosa e consistência média. Incorpora algum cascalho e fragmentos de telha e de tijolo.

(4.17=M5)=(3.28=M5/M5a)

ver descrição UB (3.28=M5/M5a)

(4.18=M6)=(3.16=M6)=(4.19=M6a)

ver descrição UB (3.16=M6)

(4.19=M6a)=(3.16=M6)=(4.18=M6)

ver descrição UB (3.16=M6)

(4.20=M7)

Parede formada por um muro de dupla face, de blocos poligonais de granito, de tamanhos variáveis e montados em aparelho muito irregular com miolo de terra castanha, calhaus e cascalho.

(4.21=P5)

Pavimento térreo. Lentícula de terra de coloração castanha com "filetes" esbranquiçados, matriz arenosa, compacta. Incorpora escasso cascalho e fragmentos de telha.

(4.22)

Derrube / Aterro. Terra de cor castanha escura a preta, matriz areno-argilosa e consistência média. Incorpora abundante cascalho e fragmentos de telha e tijolo.

(4.23)=(3.22)

ver descrição UB (3.22)

(4.24)=(3.17)

ver descrição UB (3.17)

(4.25)

Aterro. Terra de coloração castanha-acinzentada, matriz arenosa e consistência mediana. Contém cascalho e alguns fragmentos de telha.

(4.26=P6)= (1.13=P6)=(3.13=P6)

(4.27)

Aterro. Terra de cor castanha, matriz areno-argilosa, consistente. Parece corresponder ao miolo da estrutura identificada como UB (4.19).

(4.28)=(3.12)

ver descrição UB (3.12)

(4.29)=(3.11)

ver descrição UB (3.11)

(4.30)

Aterro. Terra de cor amarelada, matriz saibrosa e compacta. Contém alguns fragmentos de telha, pontos de estuque branco.

(4.31)

Varição mais amarelada e saibrosa da UB (4.25).

(4.32)

Aterro. Terra de cor castanha escura, matriz arenosa, consistente. Incorpora algum cascalho e fragmentos de telha.

(4.33)

Aterro. Terra de cor castanha, matriz arenosa e consistência fraca. Abundância de cascalho e de fragmentos de telha.

(4.34=C1)=(3.9=C1)

ver descrição UB (3.9=C1)

(4.35)

Deposição de transporte hídrico. Terra de coloração castanha-acinzentada, matriz arenosa e fraca consistência. Incorpora algum cascalho, fragmentos de telha e pontos de carvão.

(4.36)=(1.6)= (1.7)=(3.3)

ver descrição UB (1.6)

(4.37)

Aterro. Bolsa de terra de coloração esbranquiçada, matriz areno-argilosa e consistência variável. Contém abundantes fragmentos de telha, cascalho e fragmentos de estuque.

(4.38)

Aterro. Sucessão de lenticulas de terra de colorações diversas (castanha,

cinzenta, amarela, etc.), matrizes variadas (arenosa e/ou areno-argilosa) e consistência mediana. Incorpora cascalho, fragmentos de telha, pontos de carvão e fragmentos de estuque.

(4.39)

Aterro. Terra de cor castanha escura, matriz arenosa, consistente. Incorpora algum cascalho e fragmentos de telha.

(4.40)= (1.3)=(3.1)

ver descrição UB (1.3)

(4.41)

Entulho superficial. Terra de cor castanha escura, matriz areno-argilosa, pouco consistente. Contém cascalho e fragmentos de telha.

3.3 - Espólio

A escavação arqueológica objecto do presente relatório não proporcionou a recolha de qualquer bem móvel susceptível de, pelo seu valor e raridade, ser inscrito no Inventário Geral dos Bens arqueológicos Móveis.

Tendo em conta quer a escassez dos materiais, quer a excessiva fragmentação dos mesmos, como evidenciam, no caso da cerâmica, os raros perfis completos identificados, entendemos não se justificar a apresentação, neste relatório, de qualquer estudo pormenorizado do espólio. Os materiais provenientes desta escavação só poderão ser valorizados no quadro de estudos mais amplos das produções cerâmicas identificadas em Bracara Augusta,

estudos em curso ou a realizar futuramente, não revestindo qualquer interesse tratados de forma isolada.

Interessava, porém, fazer uma primeira análise dos materiais, com o objectivo de conferir a sequência estratigráfica estabelecida e, eventualmente, de estabelecer uma cronologia, fundamentada esta na identificação de “cerâmicas directoras”. Foi esse o contributo dado pelos diferentes especialistas referenciados na constituição da equipa, contributo esse que permite adiantar aqui algumas considerações preliminares de ordem tipológica e cronológica.

Como evidenciam as listagens constantes dos Anexos 4 e 5, o espólio recolhido é pouco abundante, distribuindo-se desigualmente pelas diversas Actividades consideradas. Apesar de estar presente num maior número de complexos nas 6 primeiras Actividades, as de maior antiguidade, constata-se que o maior número de fragmentos provêm das Actividades mais recentes, tendo sido recolhidos num menor número de camadas. Para além disto, o espólio apresentava-se mal conservado, no caso dos metais, e muito fragmentado, no caso da cerâmica.

No grupo da cerâmica romana, com cerca de 2000 fragmentos, distinguem-se fabricos locais e de importação, destacando-se entre os primeiros cerâmicas com mica de tradição indígena, “paredes finas” e “bracarenses” imitando formas importadas, comuns engobadas (vermelhos pompeianos) e beijos pintadas; entre os segundos diferenciam-se sigillatas itálicas (apenas 1 fragmento), hispânicas e claras C e D, cinzentas finas e ânforas da Bética e de Rhodes. Reconhecem-se inúmeras formas, como pratos, tijelas, copas, bilhas, púcaros, panelas, talhas e alguidares, associáveis quer a serviços de mesa quer a trens de cozinha. Em termos genéricos o

conjunto destas cerâmicas abrange um período que se estende da segunda metade do século I aC. à primeira metade do século IV.

No grupo da cerâmica do período suévico-visigótico, representado por um número pouco significativo de fragmentos (menos de 500), identificam-se apenas fabricos comuns de pastas cinzentas, enquadráveis no grupo das produções locais e regionais já conhecidas (GASPAR 1995 e FONTES e GASPAR 1997). Predominam formas associáveis a usos culinários, como panelas e potes. A cronologia pode balizar-se entre os séculos VI e VIII.

No grupo das cerâmicas altomedievais, representadas por cerca de 500 fragmentos, identificaram-se fabricos comuns semelhantes aos identificadas em Dume e em Penafiel de Bastuço (FONTES e GASPAR 1997), em Tibães, em S. Torcato e em Braga. Quanto às formas, predominam as relacionadas com a cozinha, como potes, panelas, bilhas e talhas. Para este conjunto de cerâmicas propõe-se uma cronologia que pode estender-se do século VIII ao século XII.

As cerâmicas baixomedievais (séculos XIII-XV), estão bem representadas por cerca de 2000 fragmentos de peças de fabricos comuns locais (bem conhecidos com a publicação dos resultados da intervenção arqueológica na Rua de Nossa Senhora do Leite - GASPAR 1985), de diversas formas e tipos, com predomínio dos pichéis, das panelas, dos potes e dos testos. Identificam-se ainda alguns raros fragmentos de cerâmicas vidradas, correspondentes a fabricos aparentados aos de Paris-Rouen e de Saintonge, França, datáveis dos séculos XIII e XIV e um fragmento de cerâmica vermelha pintada a branco, semelhante a produções galegas e leonesas do século XIII (REAL et al. 1995).

As cerâmicas modernas, com mais de 2000 fragmentos, constituem o grupo dominante, dividindo-se basicamente em dois conjuntos: o de fabricos comuns (de cozeduras oxidante - vermelhas; e redutora - cinzentas) e o de fabricos vidrados (plumbíferos - amarelos e verdes; e estanhíferos - “faianças”). Com uma cronologia que se estende do século XVI ao século XIX, identificam-se entre estas cerâmicas fabricos oriundos dos centros oleiros do Porto / Gaia e de Barcelos, predominando os deste último. Nas formas reconhecem-se alguidares, panelas, jarros, potes e púcaros, pratos e malgas.

Relativamente aos metais, assinala-se a identificação de dois alfinetes em liga de bronze, de tipologia romana e datáveis dos séculos I-III e de cinco moedas, das quais só foi possível classificar uma - sestércio em bronze, cunhado em Roma por Filipo pai e Filipo filho, entre 244 e 249 (inventário MRADDS n.º 1758-98, Cx. 351)⁶.

Uma referência final, neste capítulo do espólio, para os poucos fragmentos de peças de vidro recolhidos, menos de três dezenas. Para além dos fragmentos modernos de vidraça e de peças indeterminadas, identificaram-se alguns outros de produção romana: um fragmento de cor verde-gelo, correspondente a uma asa de *aribalo* (pequeno frasco que habitualmente continha óleos), com uma cronologia que se estende do terceiro quartel do século I aos meados do século III; e diversos fragmentos também de cor verde-gelo, pertencentes a garrafas prismáticas e datáveis dos séculos I-II.

⁶ Conforme consta na ficha descritiva elaborada por Maria Zabaleta Estevez, a moeda está bem conservada e pesa 19,3 gramas. O eixo da cunhagem é às 12 h., identificando-se no anverso um busto laureado olhando à direita e emoldurado pela seguinte legenda circular: IMP.MIVLPHILIPPVS AVG., e no reverso duas figuras sentadas olhando à esquerda, sobre um exergo com as letras SC e com uma legenda circular onde se lê LIBERALITAS AVGC III. O busto mais próximo do observador sustém um ceptro na mão esquerda.

3.4 - Sequência estratigráfica e periodização

Conforme referimos a propósito da metodologia de análise da estratigrafia, recorreu-se ao modelo *Harris* para estabelecer a sequência estratigráfica proporcionada pela escavação (ver acima pág.6). Como já se escreveu também, consideraram-se as camadas-estratos como **Unidades de Base** (UB), que se agruparam em **Actividades**, as quais expressam uma articulação entre acção construtiva, função e momento histórico. Como unidades de síntese definiram-se as **Fases**, que agrupam ou associam *Actividades*.

Estabelecidas as relações entre as diferentes UB (anterior / posterior / contemporâneo / igual), o *ArcEd* desenhou automaticamente os diagramas das sequências estratigráficas de cada um dos quatros cortes escavados, conforme se ilustra nas Figuras 6a, b, c, d. Com a mesma ferramenta informática cruzaram-se os quatros diagramas, obtendo-se o diagrama global para a escavação - Figura 7. Para além de registar todas as UB e as suas relações, o diagrama evidencia as articulações que sustentaram a definição das 14 Actividades que o conjunto das camadas e das estruturas expressam (na Figura 7 diferenciadas com cores e respectivas numerações). Cruzando a leitura da sequência estratigráfica com a informação proporcionada pelo espólio (ver Anexo 5), obtiveram-se as seguintes relações crono-estratigráficas:

Actividade.1 - Corresponde ao conjunto de sedimentos anteriores à construção da muralha romana. Não estão associados a qualquer estrutura mas incorporam materiais relativos à ocupação inicial de Bracara Augusta - finais do século I aC até meados do século II.

Actividade.2 - Agrega a estratigrafia e as estruturas relacionadas com a construção da muralha romana que, de acordo com as cronologias mais recentes dos materiais aí recolhidos, deverá ter sido levantada entre finais do século III e inícios do século IV.

Actividades.3, 4 e 5 - Associa os níveis correspondentes ao funcionamento da muralha durante a época romana e o domínio suevo-visigótico (entre século IV e VIII). A distinção estabelecida com base nos conjuntos de UB poderá não ter uma expressão temporal alargada, isto é, pode corresponder a uma sequência deposicional temporalmente curta.

Actividades.6 e 7 - Correspondem a evidências de ocupação com aparente reutilização da muralha romana, num período posterior ao século VIII e anterior ao século XIV.

Actividade.8 - Conjunto de sedimentos e estruturas que se sobrepõe à muralha, pelo lado Norte, relativas a uma ocupação posterior ao século XIV e anterior ao século XVIII.

Actividade.9 e 10 - Ocupação datável dos séculos XVII-XVIII formada por um conjunto de sedimentos e estruturas que se sobrepõe aos da Actividade.8, com reutilização de estruturas. Poderá ser contemporânea da existência da Praça do Pão desenhada no *Mappa das Ruas de Braga* de 1750, devendo associar-se ao edifício à esquerda do prédio aí identificado com o n.º 12.

Actividade.11 e 12 - Conjunto de sedimentos e estruturas correspondentes à construção e ocupação inicial do edifício pré-existente às obras - século XIX e inícios do século XX. Poderá ser contemporânea do alargamento da Rua de Maximinos, artéria urbana que em 1868 passou a integrar a Praça do Pão e que desde 1925 se designa por Rua D. Paio Mendes (OLIVEIRA 1993:96). Reportando-nos novamente ao alçado das casas desenhado no *Mappa das Ruas de Braga* de 1750, o edifício correspondente a estas Actividades veio substituir o que está à esquerda do prédio aí identificado com o n.º 12.

Actividade.13 - Manutenção da ocupação do edifício levantado na Actividade anterior, evidenciada pela construção de uma conduta de vazamento de águas residuais - meados do século XX.

Actividade.14 - Sedimentos e estruturas relacionados com as obras de reconstrução actuais - 1997 / 2000.

O passo seguinte da análise da sequência estratigráfica conduziu-nos ao agrupamento de Actividades em unidades de síntese, as Fases, que expressam os grandes blocos de tempo no decurso dos quais o lugar conheceu distintas ocupações, evidenciadas por variações na função ou no ordenamento do espaço ocupado. O quadro seguinte sintetiza a sequência ocupacional que propomos:

ACTIVIDADE	FASE	CRONOLOGIA
A14	VII	1997 - 2000
A13	VI	
A12	VI	meados séc.XIX ? - 1997
A11	VI	
A10	V	séculos IX - XIII
A9	V	
A8	IV	séculos XIV - XVI
A7	III	séculos IX - XIII
A6	III	
A5	II	século VIII
A4	II	
A3	II	
A2	II	↑ finais séc. III
A1	I	inícios séc. I - finais séc. III

4 - Considerações Finais

Quando sujeita a uma análise conduzida na perspectiva da longa duração, qualquer pequena intervenção como a que é objecto do presente relatório encerra um extraordinário potencial de conhecimento, como julgamos ter deixado evidente.

Os dados relativos à muralha romana, sendo inequívocos quanto ao alinhamento do seu traçado e às suas características técnico-construtivas, já são menos claros no que respeita à forma e função do troço a que respeitam. De facto, a identificação de um arranque em arco-de-círculo no lado exterior sugere a existência de um cubelo; por sua vez, no lado interno, o piso de circulação incorpora um lajeado. Embora os elementos sejam escassos, estamos perante vestígios de um troço de muralha de maior complexidade formal, à qual corresponderia uma função igualmente complexa. Partindo desta evidência, e tendo presente que a zona de escavação possui atributos locativos importantes, como sejam o situar-se no alinhamento da Rua Gualdim Pais, a qual se admite conservar o traçado de origem romana e o integrar-se, na Idade Média, no largo fronteiro à catedral, até ao século XIX significativamente designado Praça do Pão, pode aventar-se a hipótese de os restos de muralha aqui identificados corresponderem a um troço que incorporaria uma das portas da cerca romana - neste caso a que daria início à via *Bracara Asturica* por *Tude*⁷.

⁷ A existência de uma saída nesta zona foi por nós já defendida a propósito dos trabalhos arqueológicos recentemente concluídos na Sé de Braga (FONTES *et al* 1999) e parece ser corroborada pelos seguintes outros dados: o prolongamento da Rua Gualdim Pais para Norte passa pelas traseiras dos Paços do Concelho, onde se encontrou um fragmento de miliário, e conserva a evidência do seu traçado original no edifício contíguo que permanece oblíquo em relação à Rua D. Frei Caetano Brandão e desemboca nas traseiras do Convento do Pópulo. Recebe aí o nome de Calçada de S. Martinho, e prossegue para Norte passando junto à capela de S. Lourenço da Ordem, uma antiga gafaria medieval. Atravessa depois a veiga entre a capela visigótica de S. Frutuoso e a basílica sueva de Dume, seguindo a Merelim e Prado, num traçado que decalca, em nossa opinião, o da antiga estrada romana (FONTES 1993:43-45).

A muralha romana parece ter permanecido activa até bem entrada a Idade Média, podendo admitir-se que tenha integrado um primeiro perímetro defensivo alto-medieval, o qual seria delimitado a Sul pela metade inicial da cerca medieval, que como se sabe só foi completada na sua metade Norte no decurso do século XIII (MARQUES 1986). Como parecem evidenciar aqui os sedimentos e estruturas que no decurso dos séculos XIV e XV se sobrepõe à muralha de fundação romana, tal como se verificou na Sé de Braga com a construção da capela e torre de Nossa Senhora da Glória (FONTES *et al* 1999), esta só terá sido desactivada, no seu traçado setentrional, em plena Baixa Idade Média. Nesta altura a catedral bracarense, que no decurso do século XIII tinha finalmente concluído um ambicioso programa arquitectónico de expressão românica, afirmava-se como centro físico de uma nova mancha urbana circular, para a qual passaram a convergir novas ruas de traçado já não planeado e rectilíneo, como as romanas, mas antes espontâneo e sinuoso, expressão de um tempo de mudança e de uma sociedade em organização.

Os traçados das muralha romana e cerca medieval continuaram, porém, a marcar a organização dos espaços urbanos contíguos, como se percebe pelo facto de as edificações que desde os finais da Idade Média ocuparam esses espaços alinharem sistematicamente pelas suas faces, ora encostando pelo interior ora pelo exterior. As sucessivas reconstruções ao longo da época Moderna herdaram e conservaram, com variações pouco significativas, os limites antigos, sendo hoje possível, com uma leitura atenta, ensaiar a reconstituição de grande parte dos traçados das fortificações.

No que concerne às condicionantes arqueológicas à ocupação do interior do quarteirão, o nosso parecer, com base nos dados proporcionados pela escavação arqueológica, é o seguinte: o subsolo do interior do quarteirão a Norte da Rua D. Paio Mendes possui um elevado potencial arqueológico

para o estudo da ocupação da cidade de Braga, desde a sua fundação romana até à actualidade, identificando-se ruínas a partir dos 1,50 metros de profundidade (medida por referência ao piso da rua). Assim, quaisquer obras que venham a autorizar-se para a zona não devem contemplar a ocupação do subsolo a partir da profundidade acima referida.

Finalmente, apesar de se tratar de uma intervenção muito limitada, em termos de área abrangida pelas escavações, os resultados proporcionados por esta intervenção na Rua D. Paio Mendes constituem, em nossa opinião, tal como todos os outros trabalhos arqueológicos que desde há mais de duas décadas têm vindo a ser feitos em Braga, não apenas um novo contributo, necessariamente modesto, para a compreensão do urbanismo bracarense mas, sobretudo, o acrescento de um pedaço de cidade, desta feita um pedaço com história e por essa via mais qualificado.

Braga, Abril / Maio de 2000.

O Arqueólogo

Luis Fernando de Oliveira Fontes

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

6 - Bibliografia

CAAMAÑO GESTO, José Manuel (1994) - La presencia militar romana en Galicia: los campamentos, *El Mundo Romano en Galicia*, (coord. E. Ramil Rêgo), Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Villalba, (monografías, nº1), Villalba (Lugo), pp.31-47

FONTES, Luis (1993) - Inventário de Sítios e Achados Arqueológicos do Concelho de Braga, *MINIA*, 3ª série, 1, ASPA, Braga, pp.31-88 (+ mapa).

FONTES, Luis e GASPAR, Alexandra (1997) – Cerâmicas da Região de Braga na Transição da Antiguidade Tardia para a Idade Média, *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du 6.e congrés*, Narration Éditions, Aix-en-Provence, (1995), pp.203-212.

FONTES *et al* (1999), Luis Fontes, Manuela Martins, Francisco S. Lemos, Manuela Delgado, Mário Cruz e Armandino Cunha - “Tão Velho como a Sé de Braga”. Intervenção Arqueológica na catedral bracarense: resultados preliminares, *Actas de Sé de Braga. Encontro Conservação e Recuperação do Património* (Braga - Maio 1999), IPPAR, Lisboa, (no prelo).

GASPAR, Alexandra (1985) – Escavações Arqueológicas na Rua de N.ª S.ª do Leite, em Braga, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Unidade Arqueologia – Museu D. Diogo de Sousa, Braga, pp.51-125.

GASPAR, Alexandra (1995) – Cerâmicas Medievais de Braga, *Actas I.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol.VIII, Porto, pp.253-260.

LEMOS *et al* (1998), Francisco S. Lemos, Manuela Martins, Luis Fontes, José M.F.Leite e Armandino Cunha - A redescoberta da muralha romana e suévica-visigótica de Braga, *FORUM*, 24, Universidade do Minho, Braga, pp.11-25.

MARQUES, José (1986) – O Castelo de Braga (1350-1450), *Minia*, Série II, 8, ASPA, Braga, pp.5-34.

MARTINS, Manuela e DELGADO, Manuela (1989-90) – História e Arqueologia de uma cidade em devir, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 6.7, Unidade Arqueologia – Museu D. Diogo de Sousa, Braga, (1993), pp.11-38.

MRB (1989/91) - *Mappa das Ruas de Braga*, 2 vols., Arquivo Distrital de Braga-UM e Companhia IBM Portuguesa, Braga.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1993) – As Ruas de Braga em 1750 que figuram no “Mappa”, *Estudos Sobre o Século XVIII em Braga*, Edições APPACDM, Braga, pp.93-138.

REAL *et al* (1998), Manuel Luis Real, Paulo Dórdio Gomes, Ricardo Jorge Teixeira e Rosário Figueiredo Melo - Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante-Porto: elementos para uma sequência longa, séculos IV-XIX, *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, (Tondela, 1995), Câmara Municipal de Tondela, Tondela, 1998, pp.171-186.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

Legenda

FIG. 1 - Extracto da planta actual da cidade de Braga com localização da intervenção arqueológica e indicação do traçado da muralha romana, esc. 1:7000.

FIG. 2 - Idem, esc. 1:2000.

FIG. 3 - Identificação do local da intervenção arqueológica na planta de 1883-4, esc. 1:500.

FIG. 4 - Identificação do local da intervenção arqueológica na planta de 1868, esc. 1:2000.

FIG. 5 - Extracto do *Mappa das Ruas de Braga*, de 1750, com representação do alçado Norte da denominada Praça do Pão. O edifício à esquerda da casa n.º 12 corresponde ao local da intervenção arqueológica.

FIG. 6 - Planta do edifício, ao nível das fundações, com localização dos cortes escavados. Esc. 1:100.

FIG. 7 - Planta geral dos vestígios detectados. Esc. 1:20.

FIG. 8 - Leitura estratigráfica do perfil Este. Esc. 1:20.

FIG. 9 - Leitura estratigráfica do perfil Oeste. Esc. 1:20.

FIG. 9a - Leitura estratigráfica dos perfis Sul e Norte. Esc. 1:20.

FIG. 10a, b, c, d - Diagramas das sequências estratigráficas de RDPM.1, 2, 3, 4, respectivamente.

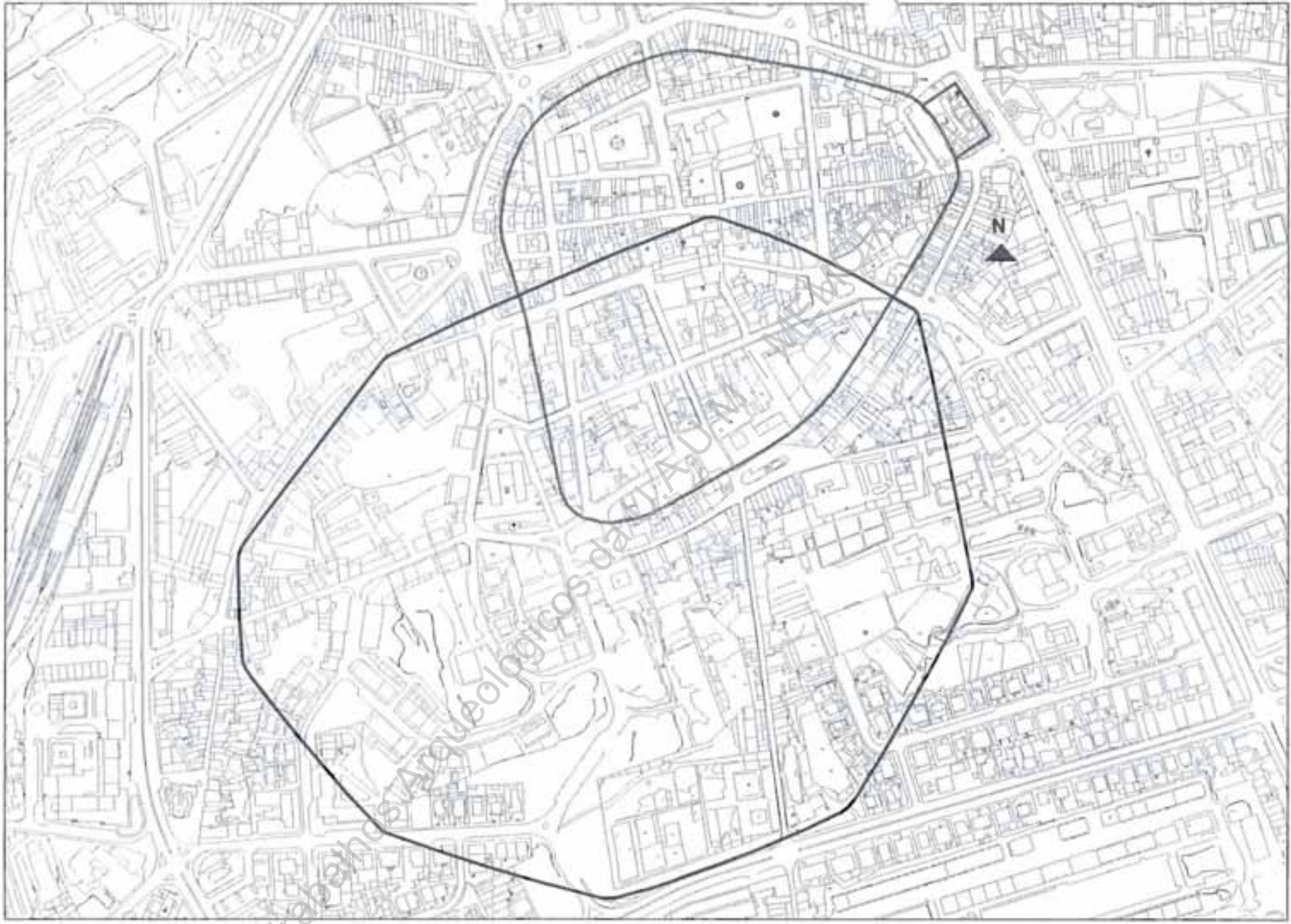
FIG. 11 - Diagrama global da sequência estratigráfica, com indicação das 14 Actividades estabelecidas.

FIG. 12 - Planta geral interpretada dos vestígios detectados. Esc. 1:50.

FIG. 13 - Leitura estratigráfica interpretada do perfil Este. Esc. 1:50.

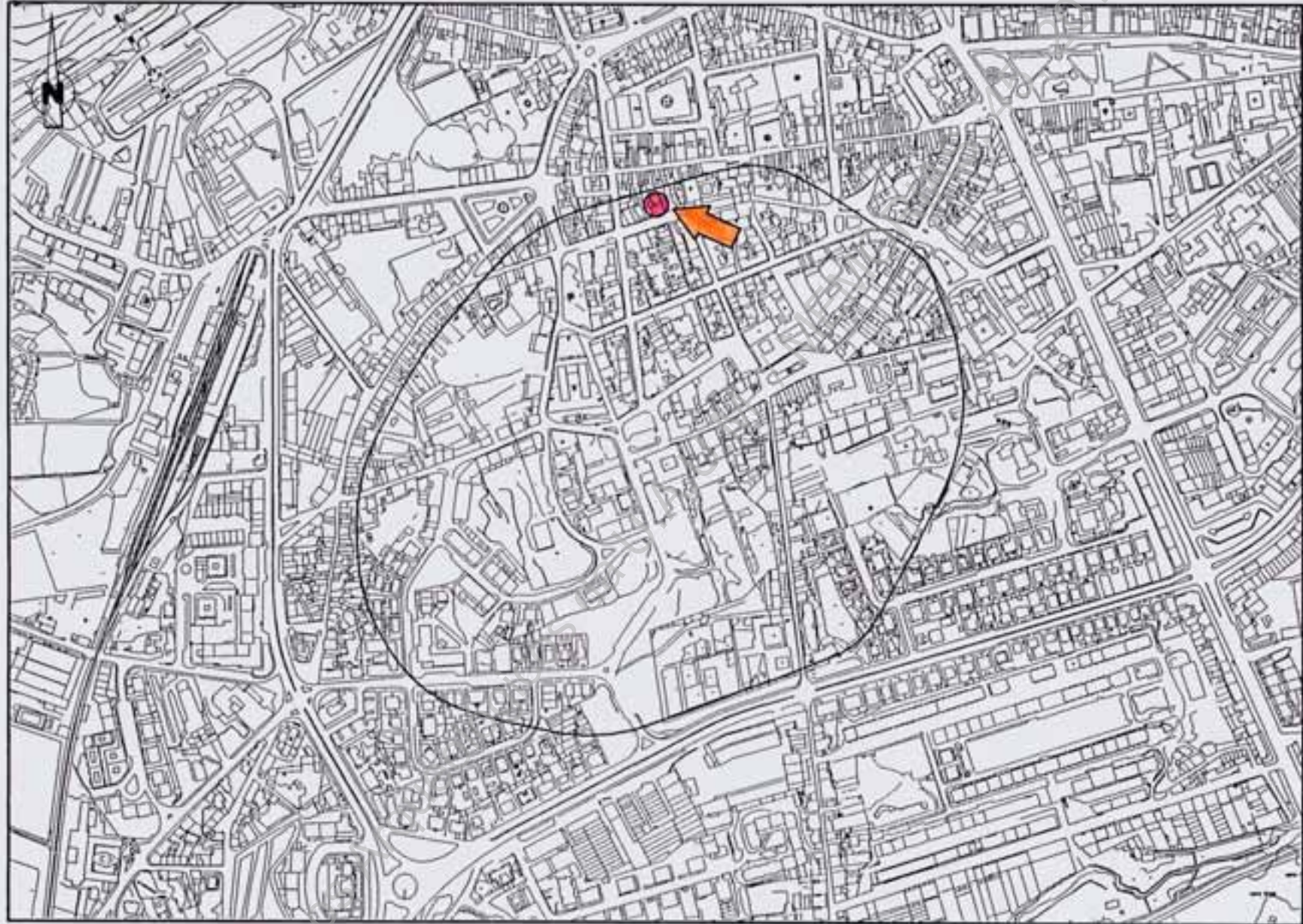
FIG. 14 - Leitura estratigráfica interpretada do perfil Oeste. Esc. 1:50.

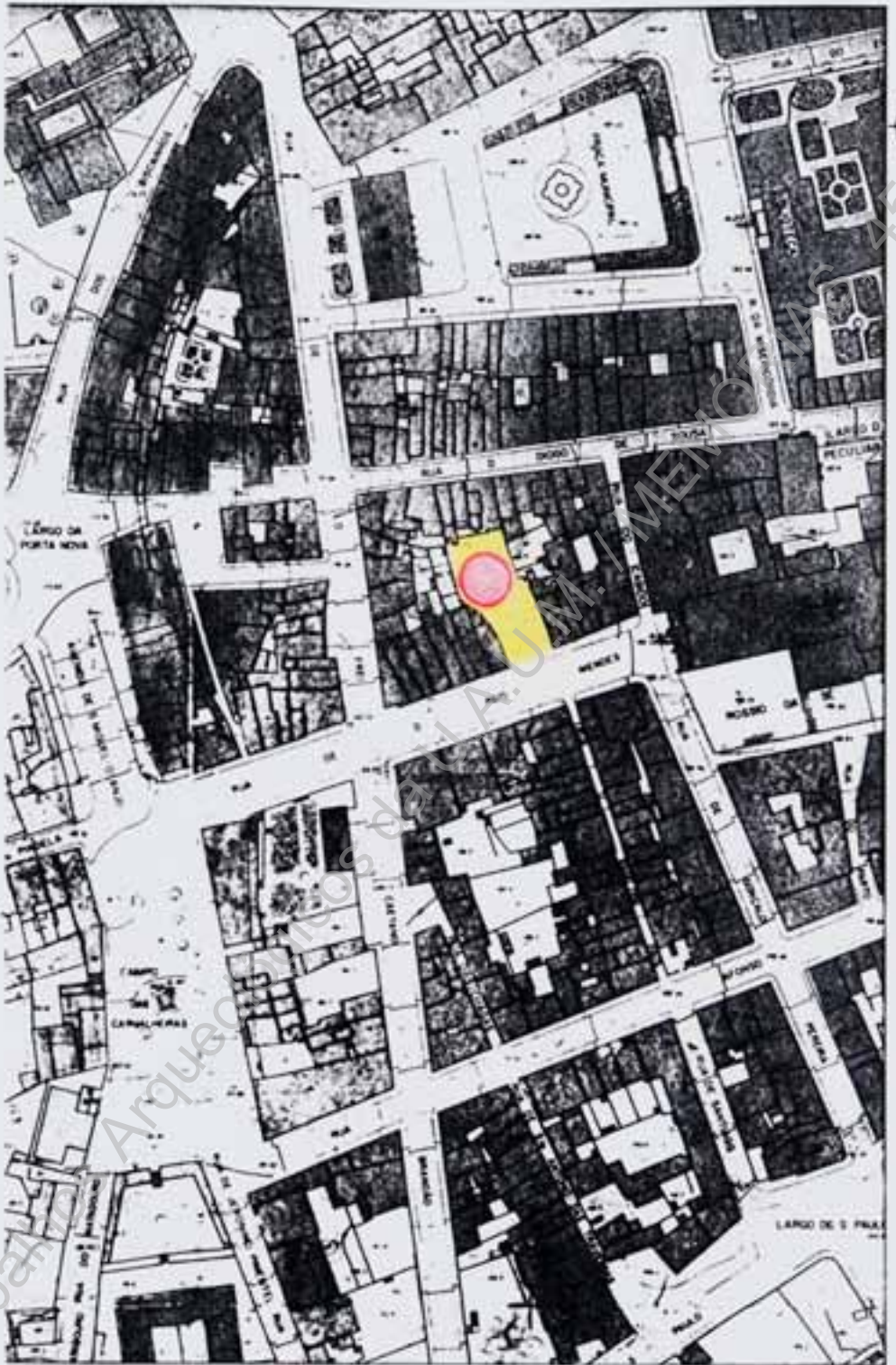
Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

40/7

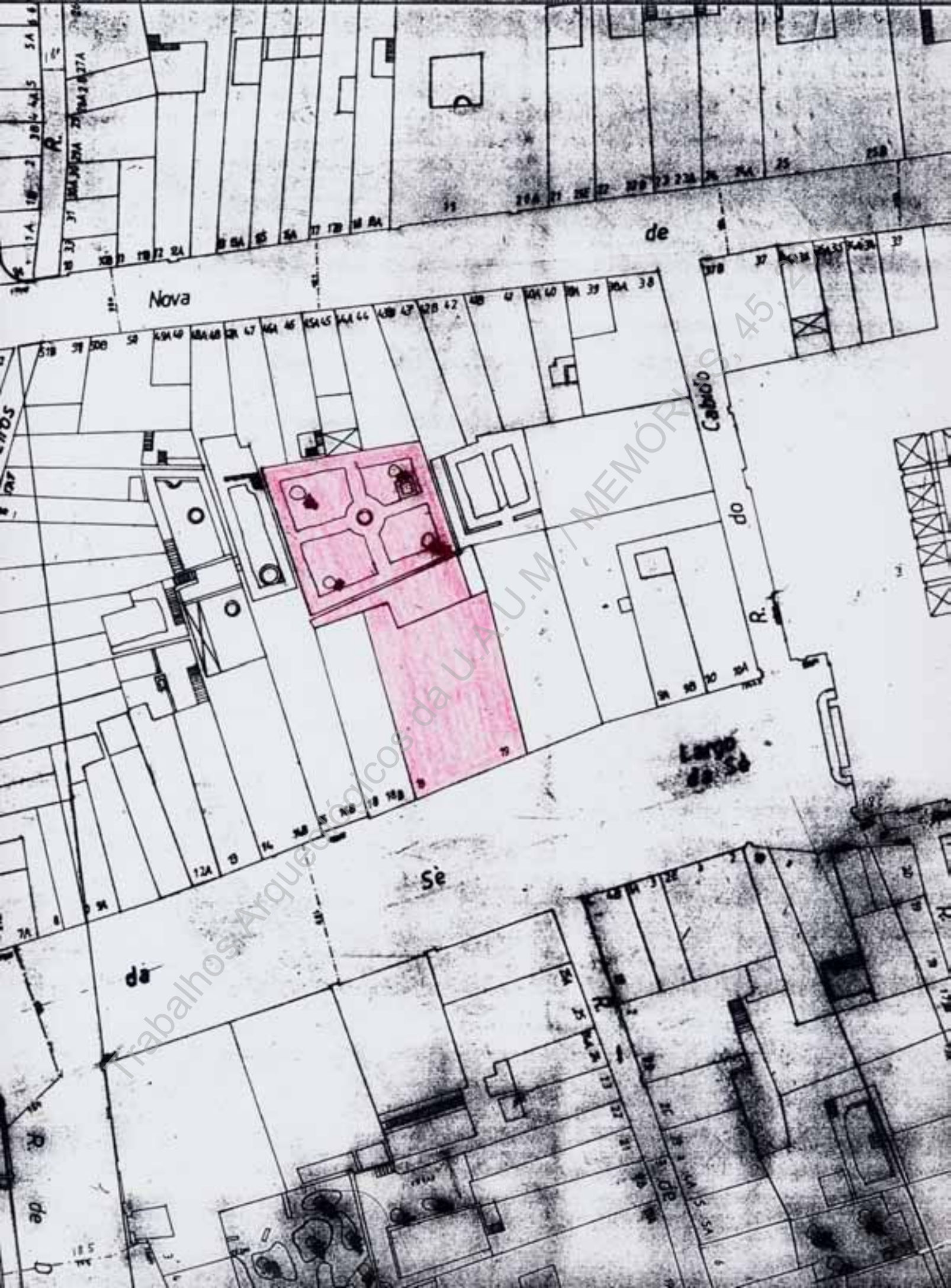




ESCALA: 1/2.000

BRA. 98/99

RDPM



Nova

de

Cabido

do

R.

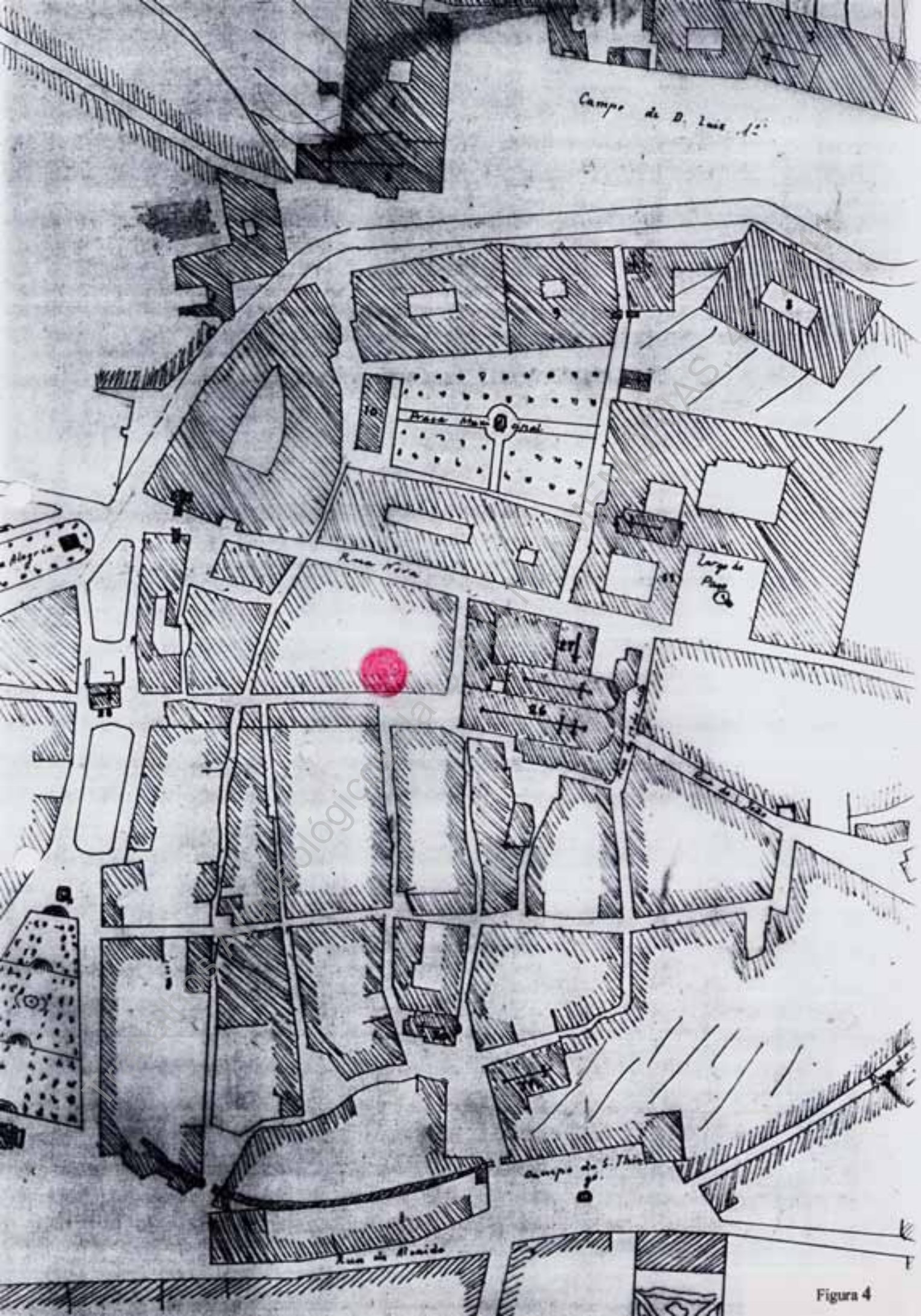
Sè

de

R.

de

D



Campe de D. Luis 12

Rua Nova

Praça Municipal

Largo de S. Pedro

Campe de S. Thome

Rua da Moura

Algarve

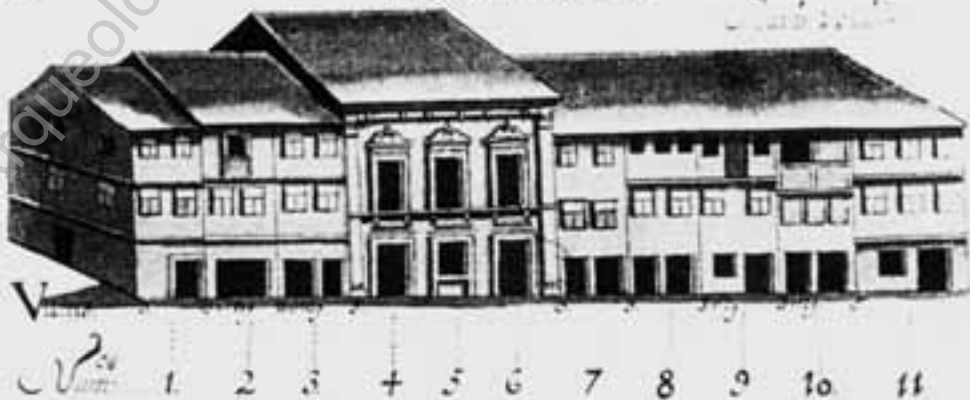
Figura 4

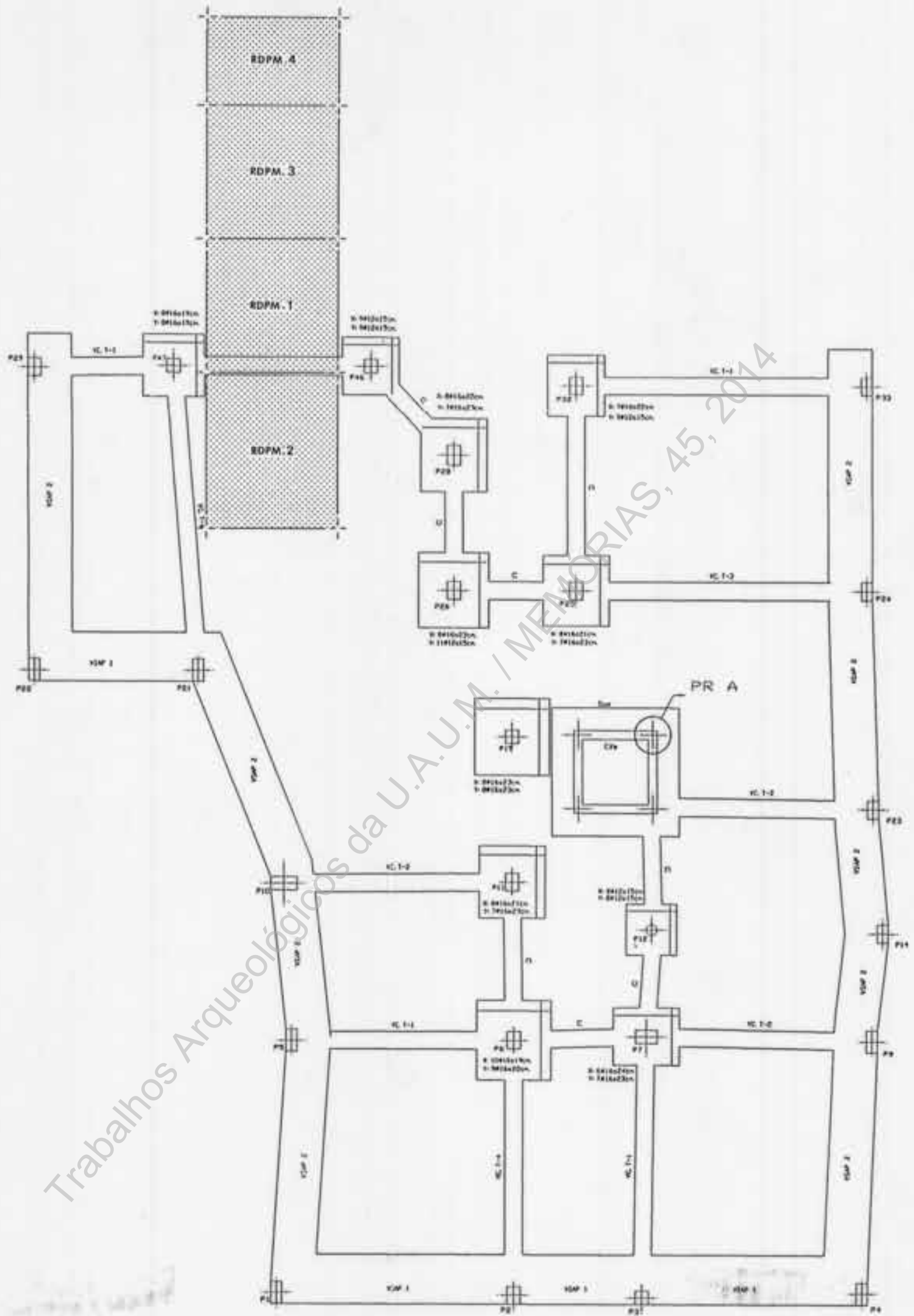
PRACA DO PAO.



SUL

PRACA DO PAO.





BRA. 98/99
 RDPM
 Esc. 1:100



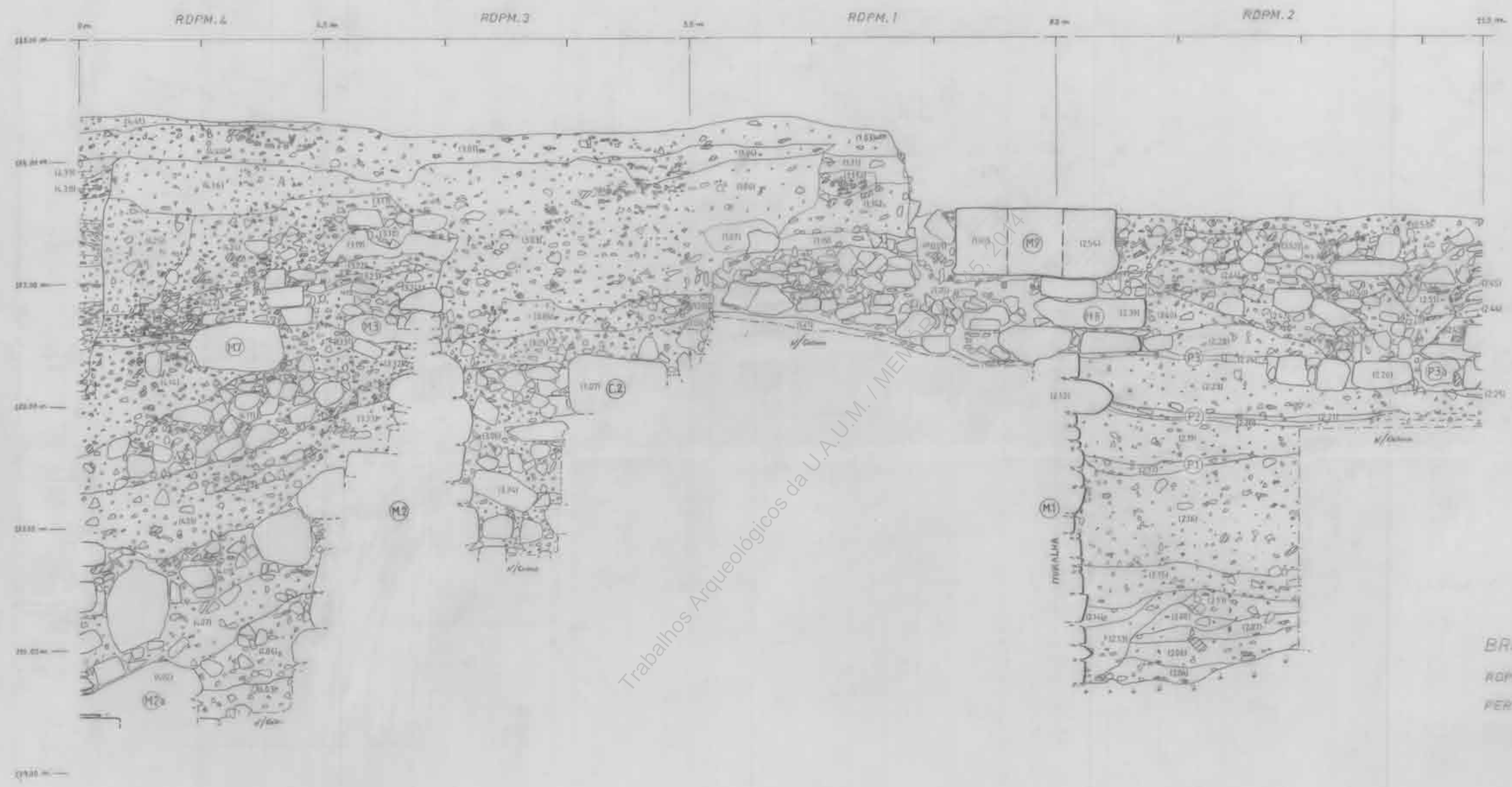
PROJ. 45, 2014



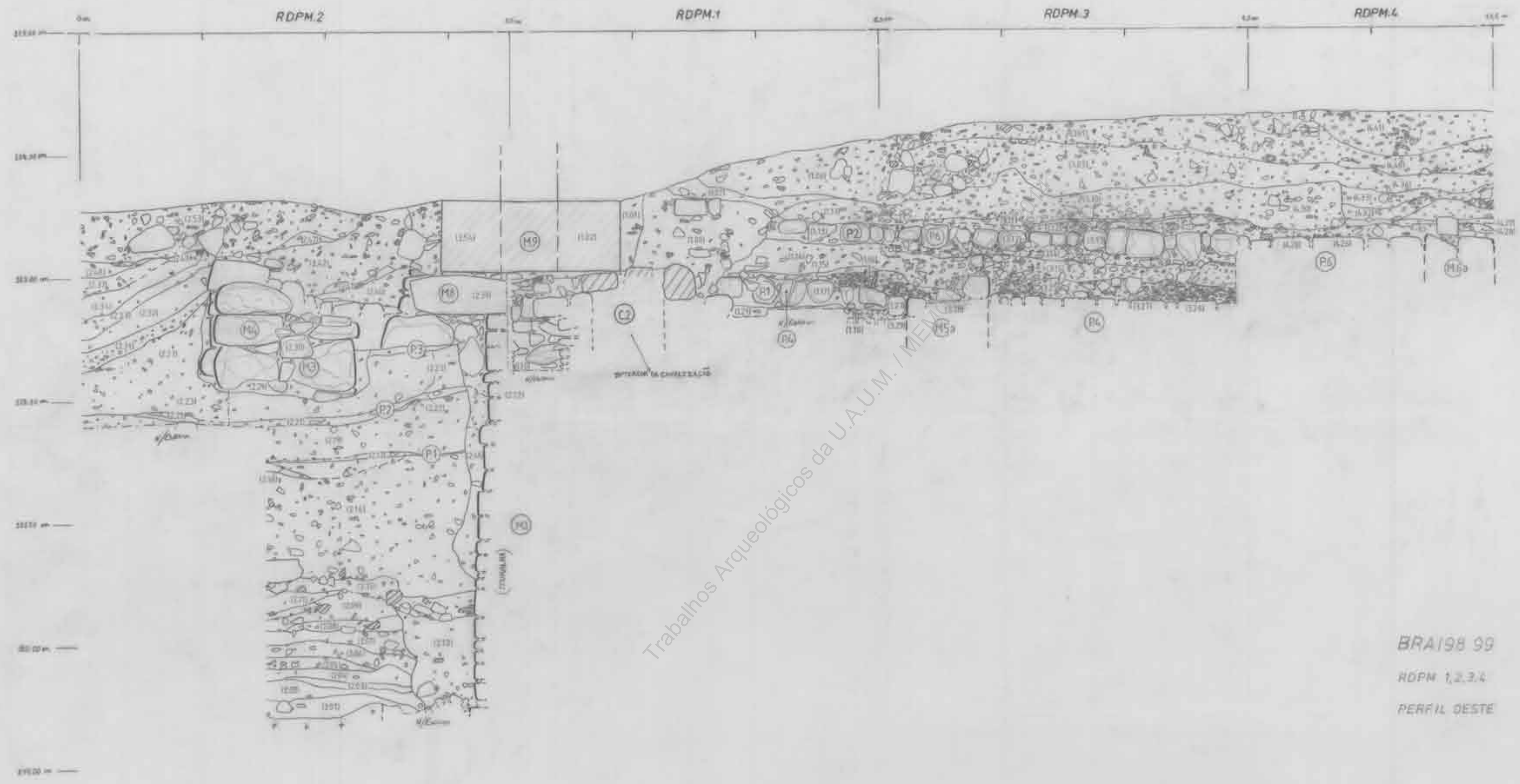
TIJOLO E TELHA
ARENA DE ALTERAÇÃO GRANÍTICA

SAPATA DE BETÃO

BRA 98199
RDPH 1,23,4
RUA D. PAIO MENDES
PLANTA GERAL

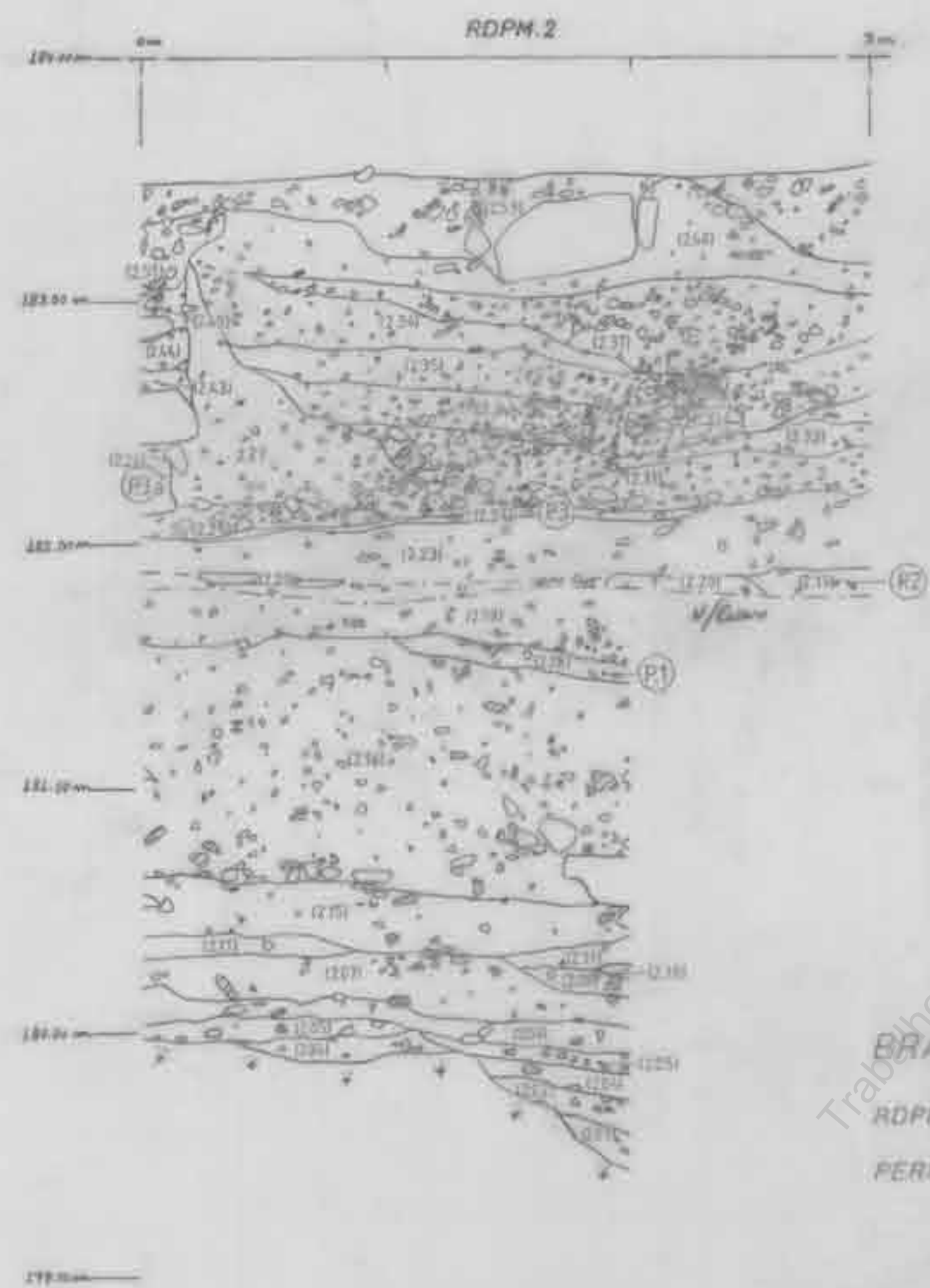


BRA 98/99
 ROPM 1,2,3,4
 PERFIL ESTE

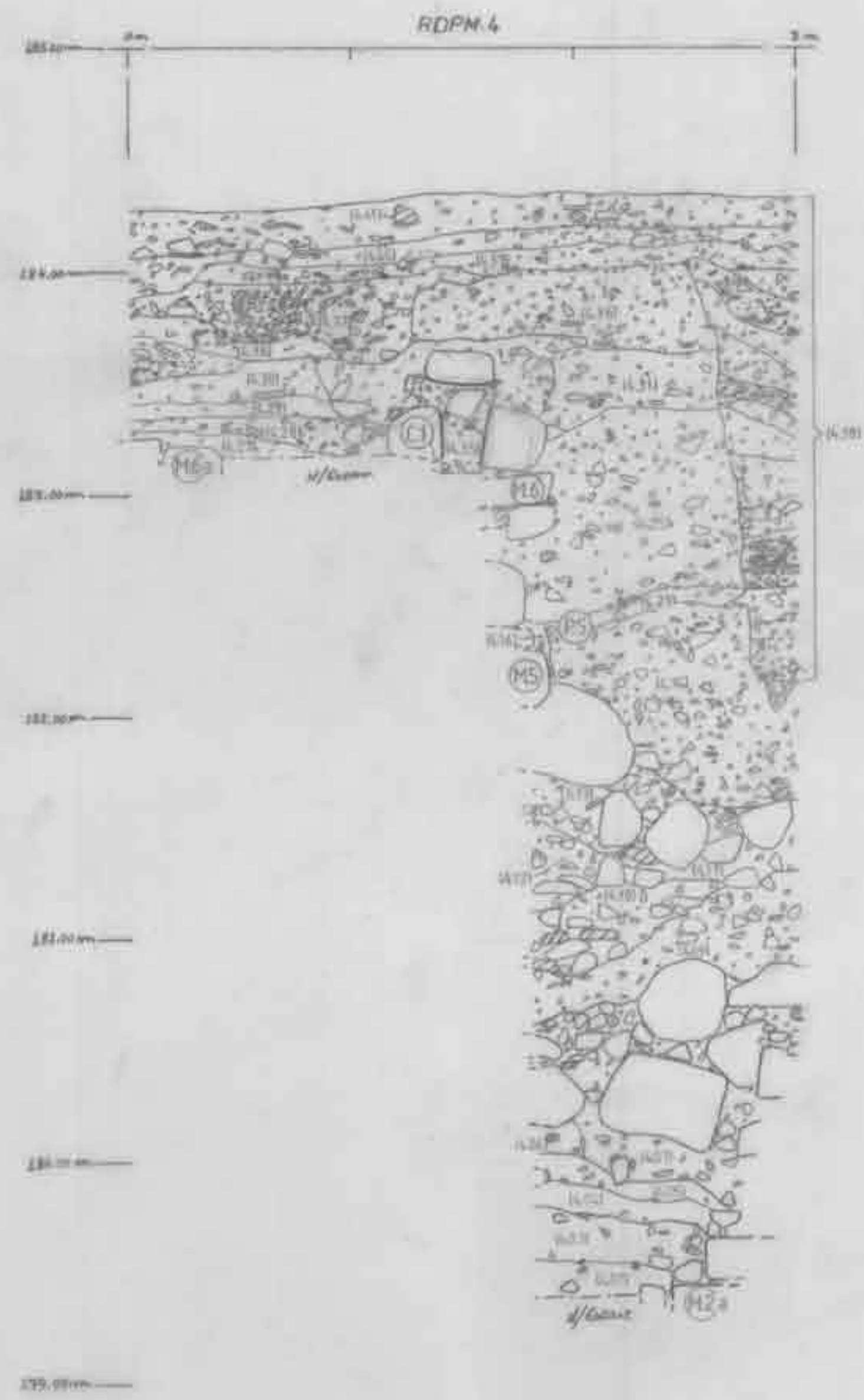


Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEM

BRA198 99
 RDPM 1,2,3,4
 PERFIL OESTE

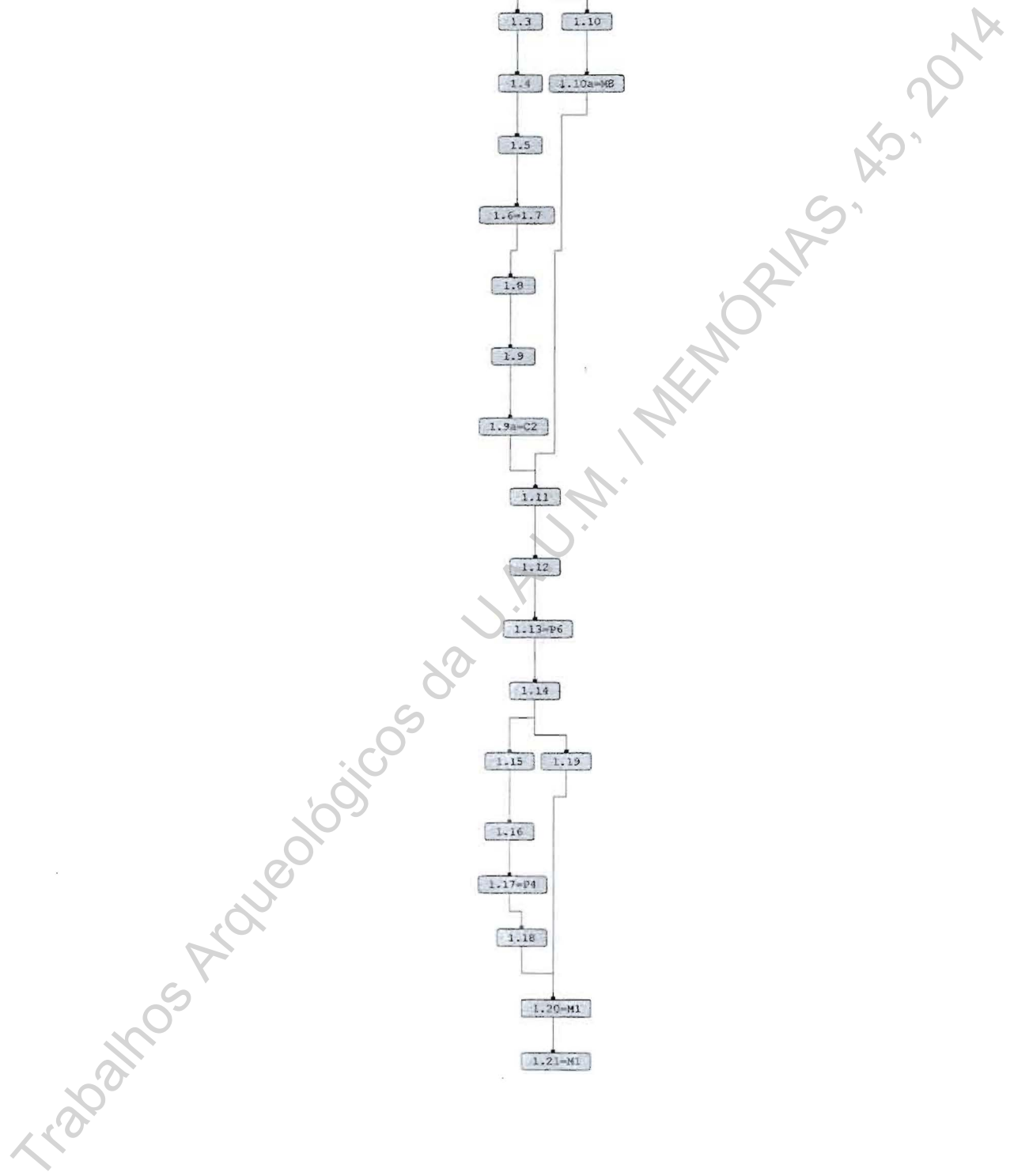


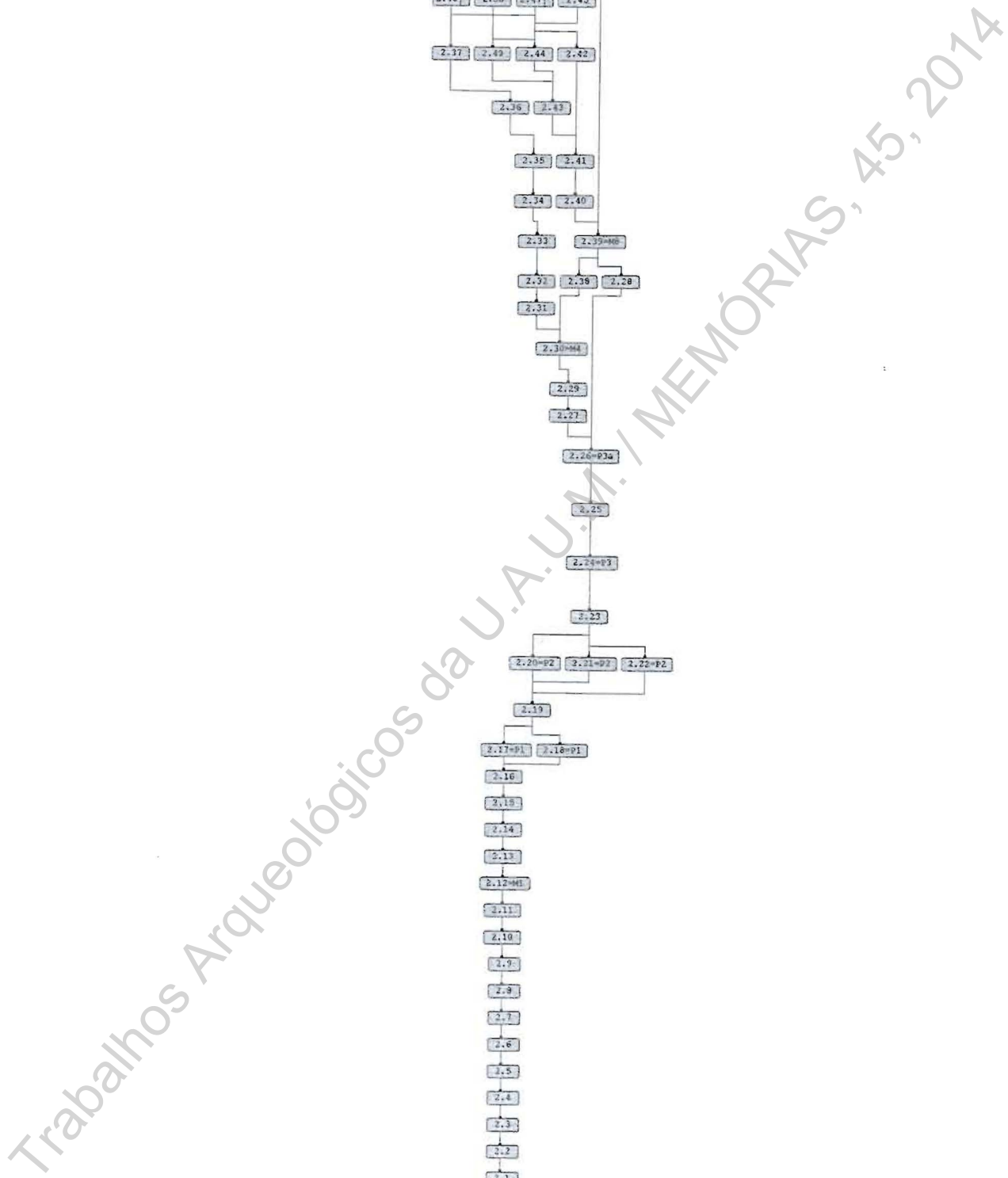
BRA 98/99
RDPM 2
PERFIL SUL

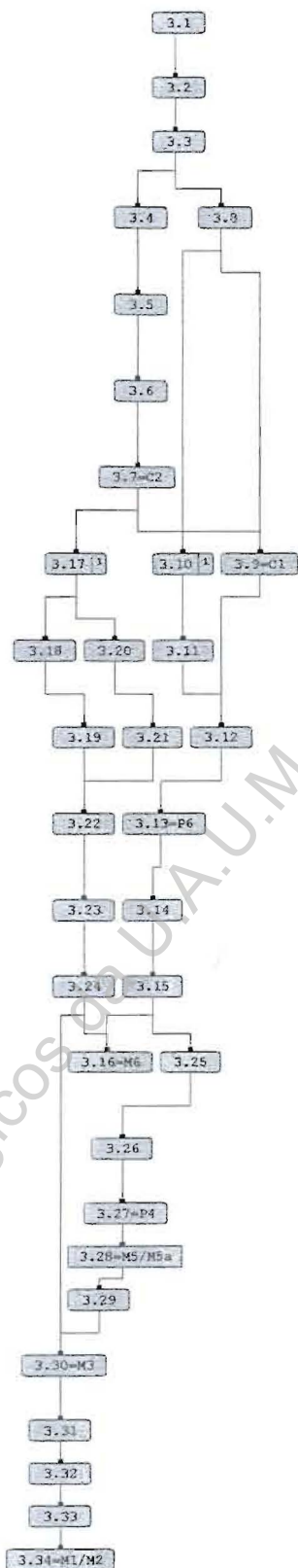


BRA 98/99
RDPM 4
PERFIL NORTE

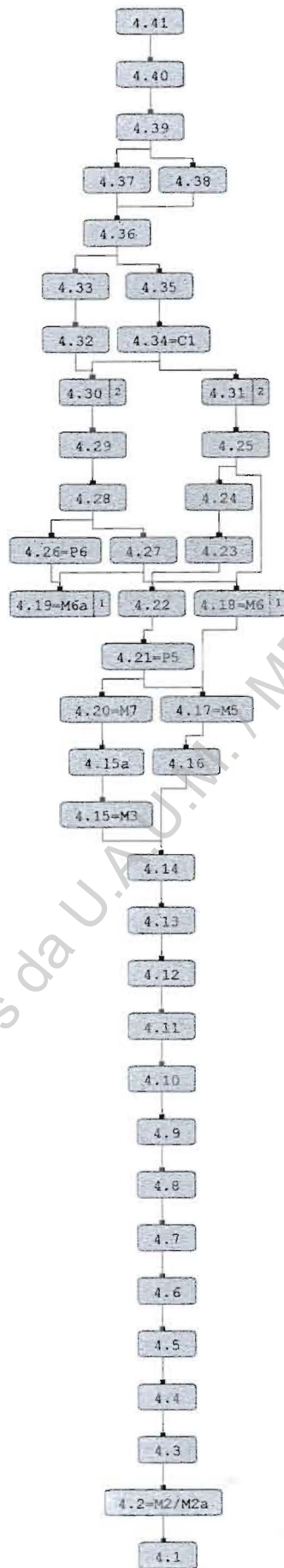
Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014







Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. - MEMÓRIAS, 45, 2014

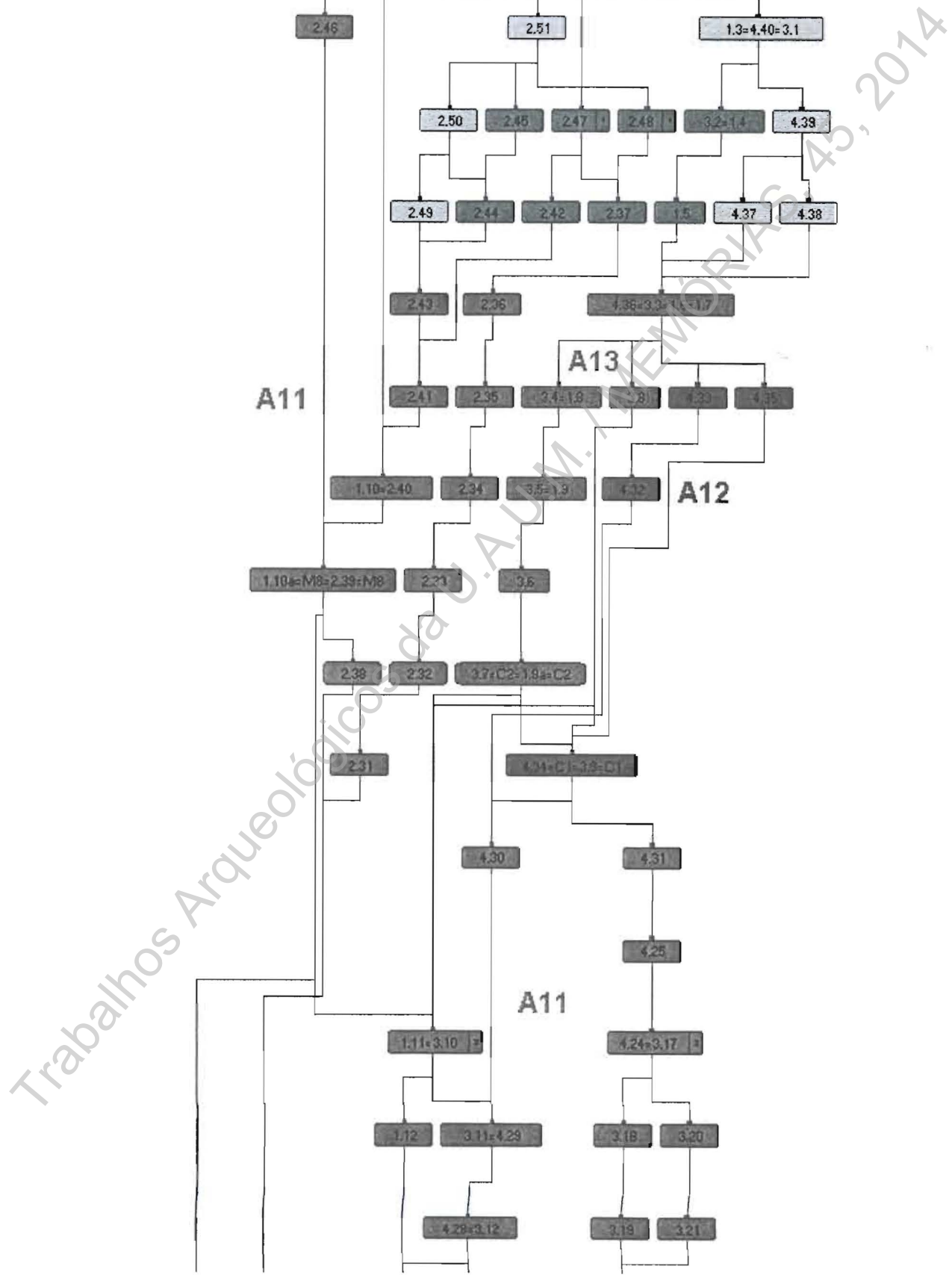
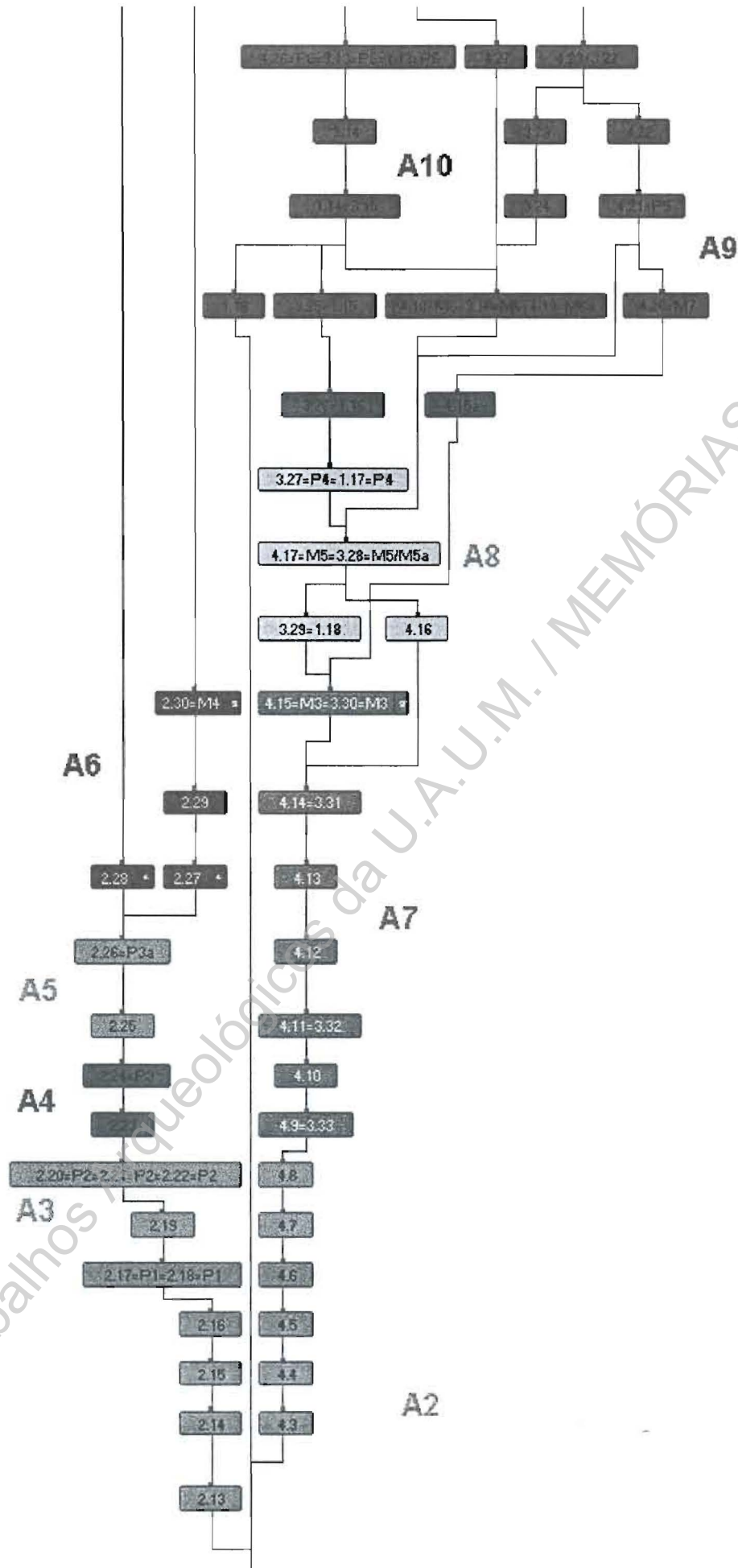
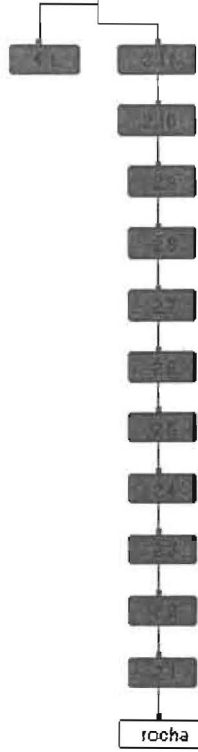


Figura 11

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



L2=M2/M2a=3.34=M1/M2=1.21=MT=1.20=M1=2.12=M1



A1

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

6. 2 - Fotografias

Legenda

- 1 (1-7) . Vista geral da zona de escavação, no início dos trabalhos.
- 2 (3-20) . Aspecto geral da escavação (Cortes RDPM.1, 2, 3 e 4).
- 3 (1-8) . Corte RDPM.1. Aspecto geral do plano 2.
- 4 (1-26) . Corte RDPM.1. Aspecto geral do plano 3.
- 5 (2-10) . Corte RDPM.1. Aspecto geral do perfil Oeste.
- 6 (2-9) . Corte RDPM.1. Aspecto geral do perfil Norte.
- 7 (2-11) . Corte RDPM.1. Aspecto geral do perfil Este.
- 8 (1-12) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do plano 2.
- 9 (1-17) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do plano 3.
- 10 (2-1) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do alçado Norte do Muro.7.
- 11 (2-4) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do alçado Sul do Muro.7.
- 12 (3-1) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do plano 4.
- 13 (3-11) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do plano 5.
- 14 (3-15) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do plano 5A.
- 15 (3-22) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do plano 5B.
- 16 (3-25) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do plano final.
- 17 (4-1) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do alçado interior da muralha romana (Muro.1).
- 18 (4-3) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do perfil Oeste Central.

- 19 (4-5) . Corte RDPM.2. Pormenor do perfil Este.
- 20 (4-7) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do perfil Sul.
- 21 (2-23) . Corte RDPM.3. Aspecto geral do plano 2.
- 22 (3-6) . Corte RDPM.3. Aspecto geral do plano 3.
- 23 (3-7) . Corte RDPM.3. Aspecto geral do plano 3. Outro ângulo.
- 24 (3-17) . Corte RDPM.4. Aspecto geral do plano 2.
- 25 (4-14) . Corte RDPM.2. Aspecto geral do plano final.
- 26 (4-16) . Corte RDPM.2. Pormenor do plano final.
- 27 (5-10) . Corte RDPM.3. Pormenor do alçado Sul do Muro.
- 28 (5-13) . Corte RDPM.3. Aspecto geral do perfil Oeste.
- 29 (3-4) . Corte RDPM.3. Aspecto geral do perfil Norte.
- 30 (5-12) . Corte RDPM.3. Aspecto geral do perfil Este.
- 31 (4-11) . Corte RDPM.4. Aspecto geral do plano 3.
- 32 (4-20) . Corte RDPM.4. Aspecto geral do plano 4.
- 33 (4-21) . Corte RDPM.4. Pormenor do alçado Sul do Muro.
- 34 (5-16) . Corte RDPM.4. Aspecto geral do plano 4B.
- 35 (6-11) . Corte RDPM.4. Aspecto geral do alçado Este do Muro..
- 36 (6-14) . Corte RDPM.4. Aspecto geral do plano final.
- 37 (6-15) . Corte RDPM.4. Pormenor do plano final.
- 38 (6-16) . Corte RDPM.4. Pormenor do plano final. Outro ângulo.
- 39 (6-3) . Corte RDPM.4. Aspecto geral do perfil Oeste.
- 40 (6-7) . Corte RDPM.4. Aspecto geral do perfil Norte.

- 41 (5-22) . Corte RDPM.4. Aspecto geral do perfil Este.
- 42 (7-5) . Aspecto dos trabalhos finais de acondicionamento e protecção das ruínas com tela geo-têxtil.
- 43 (7-8) . Outro aspecto dos trabalhos finais de acondicionamento e protecção das ruínas com tela geo-têxtil.
- 44 (7-10) . Trabalhos finais de aterro das ruínas.
- 45 (APS-2) . Cerâmicas romanas provenientes da Actividade.1. Fragmentos de sigillatas hispânicas.
- 46 (APS-3) . Cerâmicas romanas provenientes da Actividade.1. Fragmentos de cerâmicas comuns indiferenciadas, de tradição indígena, “bracarenses” imitando formas importadas, comuns engobadas (vermelhos pompeianos), comuns finas e cinzentas finas.
- 47 (APS-4) . Cerâmicas romanas provenientes da Actividade.2. Distinguem-se fragmentos de sigillatas hispânicas e ânforas béticas, comuns indiferenciadas, comuns de tradição indígena, “bracarenses”, comuns engobadas (vermelhos pompeianos), cinzentas finas e comuns finas pintadas.
- 48 (APS-5) . Cerâmicas romanas provenientes da Actividade.2. Distinguem-se fragmentos de sigillatas hispânicas e ânforas béticas, comuns de asa de secção circular, “bracarenses” e comuns finas pintadas.
- 49 (APS-6) . Cerâmicas alto-medievais, tipo Paços S. Julião e Tibães, provenientes das Actividade.7 e 8. Distinguem-se fragmentos de fabricos oxidantes e redutores.
- 50 (APS-7) . Cerâmicas baixo-medievais, tipo Nossa Senhora do Leite, provenientes da Actividade.10. Fragmentos de testos com característica decoração impressa.
- 51 (APS-8) . Cerâmicas baixo-medievais, tipo Nossa Senhora do Leite, provenientes das Actividade.8 e 14. Fragmentos de bordos de cântaros e jarros (pichéis), com característica decoração perfurada e incisa.
- 52 (APS-9) . Cerâmicas baixo-medievais importadas, provenientes das Actividade.8, 10 e 11. Distinguem-se fragmentos de vermelha pintada a branco tipo Leão/Galiza, vidrada com policromia tipo Saintonge e vidradas verdes tipo Paris/Rouen.

53 (APS-11) . Cerâmicas modernas (séculos XVI-XVII) provenientes das Actividade.10 e 11. Fragmentos de fabricos comuns e vermelhas com decoração empedrada.

54 (APS-12) . Cerâmicas modernas (séculos XVII-XVIII) provenientes das Actividade.11, 13 e 14. Fragmentos de fabricos comuns oxidantes e redutores.

55 (APS-14) . Cerâmicas modernas vidradas (séculos XVI-XVIII) provenientes das Actividade.9, 10 e 14. Fragmentos de fabricos de vidrados comuns de chumbo (amarelos e melados) e de vidrados estanhíferos (faianças), lisos e pintados.

56 (APS-1) . Vidro romano proveniente da Actividade.1. Fragmento de asa de *aribalo*.

57 (APS-18). Moeda romana proveniente da Actividade.2. Anverso de sestércio de Filipo Pai e Filipo Filho (anos 244-249).

58 (APS-17). Idem, reverso.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45 (2014)



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



5



6

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. - MEMÓRIAS, 45, 2014



7



8

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



9

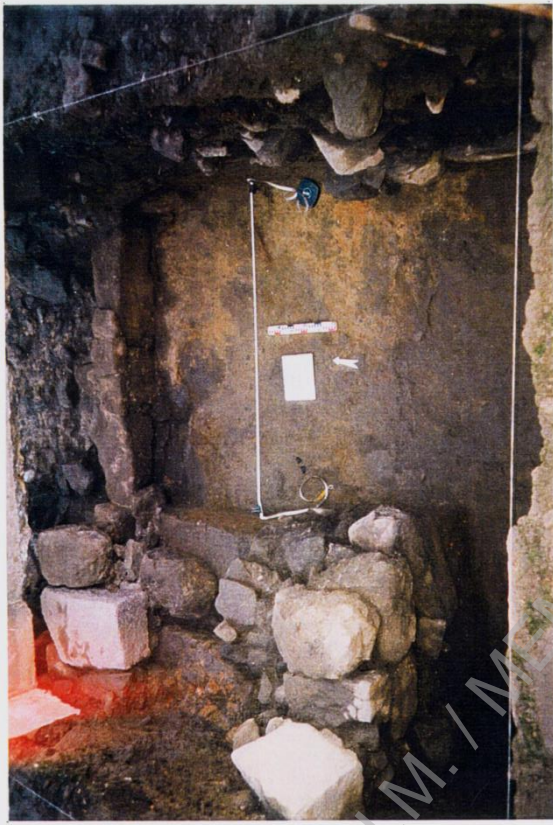


10

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. MEMÓRIAS, 45, 2014



11



12

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



16



15

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



16



17

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

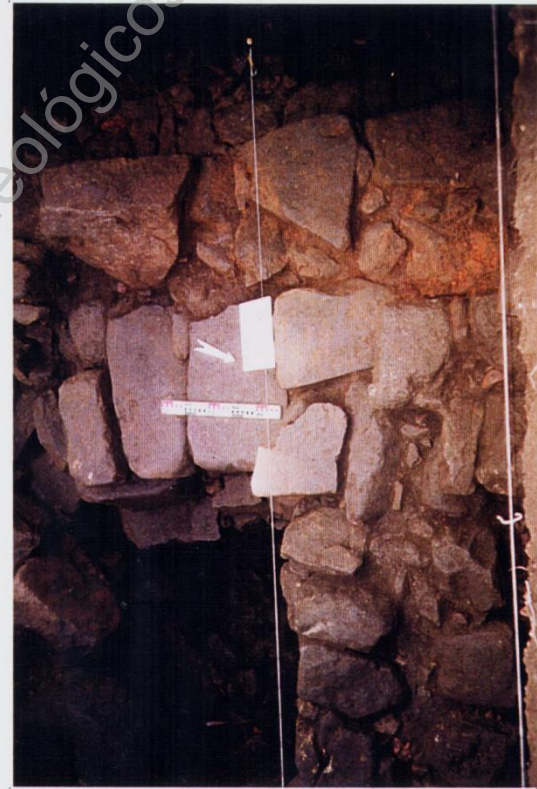


21



22

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



23



24

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. MEMÓRIAS, 45, 2014



26



25

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



27



28

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



29



30

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



31



32

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



44



45

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



36



35

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



36



37

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



40



39

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014



44



45

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U. MEMÓRIAS, 45, 2014



45



46



47



48



49



50



51



52



53



54



55



56



57



58

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

7.1 - Lista de Distribuição de Complexos

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

Distribuição de Complexos

nº	Corte	Plano	Unidade Base	Actividade
1	RDPM1	1	1.1 até 1.11; 11a; 1.12 a 1.16; 1.19; 1.20=M1; 2.54=M9	A10;A11;A13;A14
2	RDPM2	1	2.36; 2.37; 2.41; 2.42; 2.44; 2.45; 2.47 até 2.53	A11;A14
3	RDPM1	2	1.17=P4	A8
4	RDPM1	2	1.9	A13
5	RDPM1	2	1.9	A13
6	RDPM1	2	1.21=M1	A2
7	RDPM1	2	1.20=M1; 1.10	A2;A14
8	RDPM2	2	2.40	A11
9	RDPM2	2	2.40	A11
10	RDPM2	2	2.40	A11
11	RDPM2	2	2.38	A11
12	RDPM2	2	2.28	A11
13	RDPM2	2	2.28	A11
14	RDPM2	2	2.30=M4	A6
15	RDPM2	2	2.29	A6
16	RDPM2	2	2.23	A4
17	RDPM2	2	2.43	A11
18	RDPM2	2	2.27; 2.43	A6;A11
19	RDPM2	2	2.43	A11
20	RDPM2	2	2.32; 2.33	A11
21	RDPM2	2	2.34; 2.35	A11
22	RDPM2	3	2.24=P3	A4
23	RDPM2	3	2.28	A11
24	RDPM2	3	2.29	A6
25	RDPM2	3	2.23	A4
26	RDPM2	3	2.26=P3a	A5
27	RDPM2	3	2.31	A11
28	RDPM2	3	2.39=M8	A11
29	RDPM1	3	1.21=M1	A2
30	RDPM1	3	1.9	A13
31	RDPM1	3	1.9	A13
32	RDPM1	3	1.9	A13
33	RDPM2	3A	2.46	A11
34	RDPM2	3A	2.23; 2.25;2.27;2.31	A4;A5;A6;A11
35	RDPM3	1	3.1 até3.5; 3.8 até 3.12; 3.17 até 3.21	A11;A12;A13;A14
36	RDPM3	2	3.13=P6	A10

37	RDPM3	2	3.14	A10
38	RDPM3	2	3.15	A10
39	RDPM3	2	3.25	A10
40	RDPM3	2	3.27=P4	A8
41	RDPM3	2	3.16=M6	A10
42	RDPM3	2	3.22; 4.23	A10
43	RDPM3	2	3.22 até 3.24; 4.15a	A9;A10
44	RDPM3	2	3.6	A13
45	RDPM3	2	3.6	A13
46	RDPM3	2	3.5; 3.6; 3.7=C2	A13
47	RDPM3	2	3.26	A10
48	RDPM2	4	2.46	A11
49	RDPM2	4	2.22=P2; 2.23	A3;A4
50	RDPM2	4	2.21=P2	A3
51	RDPM2	4	2.20=P2	A3
52	RDPM2	4	2.23	A4
53	RDPM2	4	2.24=P3	A4
54	RDPM2	4	2.24=P3	A4
55	RDPM2	4	2.19	A3
56	RDPM2	4	2.16	A2
57	RDPM2	4	2.16	A2
58	RDPM2	4	2.16	A2
59	RDPM2	4	2.16	A2
60	RDPM3	3	3.24; 3.31; 4.15a	A7;A9;A10
61	RDPM3	3	3.30=M3	A7
62	RDPM3	3	3.33; 3.34=M1/M2a	A2;A7
63	RDPM3	3	3.6	A13
64	RDPM3	3	3.28=M5/M5a	A8
65	RDPM3	3	3.28=M5/M5a	A8
66	RDPM2	4	2.16	A2
67	RDPM2	4	2.15; 2.17=P1; 2.18=P1	A2
68	RDPM1	3	1.14	A10
69	RDPM2	5	2.12=M1; 2.14	A2
70	RDPM2	5	2.13	A2
71	RDPM2	5	2.13	A2
72	RDPM2	5	2.14	A2
73	RDPM2	5	2.14	A2
74	RDPM2	5	2.8	A1
75	RDPM2	5	2.11	A1
76	RDPM2	5	2.9; 2.10	A1
77	RDPM2	5	2.11	A1
78	RDPM3	3	3.33; 3.34=M1/M2a	A2
79	RDPM4	1	4.27 até 4.33; 4.34=C1; 4.36; 4.37; 4.39; 4.40; 4.41	A10;A11;A12;A13;

80	RDPM2	5A	2.13	A2
81	RDPM2	5A	2.13	A2
82	RDPM2	5A	2.11	A1
83	RDPM4	2	4.19=M6a; 4.27	A10
84	RDPM4	2	4.28	A11
85	RDPM4	2	4.26=P6	A10
86	RDPM4	2	4.35	A12
87	RDPM4	2	4.38	A14
88	RDPM4	2	4.25	A11
89	RDPM4	2	4.36	A13
90	RDPM4	2	4.24	A11
91	RDPM4	2	4.23	A10
92	RDPM2	5A	2.13	A2
93	RDPM2	5A	2.13	A2
94	RDPM2	5A	2.6	A1
95	RDPM2	5B	2.7	A1
96	RDPM2	5B	2.5; 2.6	A1
97	RDPM2	5B	2.1 até 2.5	A1
98	RDPM2	FINAL	2.13	A2
99	RDPM4	2	3.23	A10
100	RDPM4	3	4.38	A14
101	RDPM4	3	4.25	A11
102	RDPM4	3	4.24	A11
103	RDPM4	3	4.22	A10
104	RDPM4	3	4.15=M3; 4.22	A7/A10
105	RDPM4	3	4.14; 4.15=M3; 4.15a	A7;A9
106	RDPM3	FINAL	3.34=M1/M2a	A2
107	RDPM3	FINAL	3.34=M1/M2a	A2
108	RDPM3	FINAL	3.29	A8
109	RDPM1	FINAL	1.18	A8
110	RDPM1	FINAL	1.21=M1	A2
111	RDPM1	FINAL	1.21=M1	A2
112	RDPM4	3	4.21=P5	A9
113	RDPM4	3	4.14; 4.21=P5	A7/A9
114	RDPM4	4	4.38	A14
115	RDPM4	4	4.14	A7
116	RDPM4	4	4.21	A9
117	RDPM4	4	4.14; 4.16; 4.17=M5	A7;A8
118	RDPM4	4	4.18=M6	A12
119	RDPM4	4	4.20=M7	A9
120	RDPM4	4	4.38	A14
121	RDPM4	4	3.32; 4.11	A7
122	RDPM4	4	4.14; 4.16; 4.17=M5	A7;A8

123	RDPM4	4A	3.32; 4.11; 4.14	A7
124	RDPM4	4A	4.13	A7
125	RDPM4	4B	4.11	A7
126	RDPM4	5	4.12	A7
127	RDPM4	5	4.11	A7
128	RDPM4	5	4.11	A7
129	RDPM4	5	4.9	A7
130	RDPM4	5	4.10	A7
131	RDPM4	5	4.9	A7
132	RDPM4	5	4.8	A3
133	RDPM4	5	4.6	A2
134	RDPM4	5	4.4; 4.5; 4.7	A2
135	RDPM4	5	4.3	A2
136	RDPM4	5	4.1	A1
137	RDPM4	FINAL	4.1	A1
138	RDPM4	FINAL	4.2=M2/M2a	A2

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

7.2 - Correspondência Unidades Base / Complexos

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

Correspondência UB / Complexos

Nota Introdutória

Como facilmente se verificará pela listagem que segue, várias vezes um mesmo complexo serviu para identificar várias camadas / Unidades de base. Deverá, porém, distinguir-se duas situações: uma correspondente à opção deliberada de retirar as camadas iniciais contemporâneas com recurso a máquina escavadora, atribuindo-se indiferenciadamente o complexo n.º 1 a essas terras; outra correspondente às situações de utilização de um mesmo complexo para mais que uma camada/UB, por não se detectarem diferenças no decurso da escavação, o que é frequente, e compreensível, em contextos estratigráficos complexos, como é, reconhecidamente, o caso do subsolo de Braga.

Unidade Base	Complexos
1.1	1
1.2=M9	1
1.3	1
1.4	1
1.5	1
1.6	1
1.7	1
1.8	1
1.9	4; 5; 30; 31; 32
1.10	1; 7
1.11	1
1.11a	1
1.12	1
1.13=P6	1
1.14	1; 68
1.15	1

1.16	1
1.17=P4	3
1.18	109
1.19	1
1.20=M1	1; 7
1.21=M1	6; 29; 110; 111
2.1	97
2.2	97
2.3	97
2.4	97
2.5	96; 97
2.6	94; 96
2.7	95
2.8	74
2.9	76
2.10	76
2.11	75; 77; 82
2.12=M1	69
2.13	70; 71; 80; 81; 92; 93; 98
2.14	69; 72; 73
2.15	67
2.16	56; 57; 58; 59; 66
2.17=P1	67
2.18=P1	67
2.19	55
2.20=P2	51
2.21=P2	50
2.22=P2	49
2.23	16; 25; 34; 49; 52
2.24=P3	22; 53; 54
2.25	34
2.26=P3a	26
2.27	18; 34
2.28	12; 13; 23
2.29	15; 24
2.30=M4	14
2.31	27; 34
2.32	20
2.33	20

2.34	21
2.35	21
2.36	2
2.37	2
2.38	11
2.40	8; 9; 10
2.41	2
2.42	2
2.43	17; 18; 19
2.44	2
2.45	2
2.46	33; 48
2.47	2
2.48	2
2.49	2
2.50	2
2.51	2
2.52	2
2.53	2
2.54=M9	1
3.1	35
3.2	35
3.3	35
3.4	35
3.5	35; 46
3.6	44; 45; 46; 63
3.7=C2	46
3.8	35
3.9=C1	35
3.10	35
3.11	35
3.12	35
3.13=P6	36
3.14	37
3.15	38
3.16=M6	41
3.17	35
3.18	35
3.19	35

3.20	35
3.21	35
3.22	42; 43
3.23	43; 99
3.24	43; 60
3.25	39
3.26	47
3.27=P4	40
3.28=M5/M5a	64; 65
3.29	108
3.30=M3	61
3.31	60
3.32	121; 123
3.33	62; 78
3.34=M1/M2	62; 78; 106; 107
4.1	136; 137
4.2=M2/M2a	138
4.3	135
4.4	134
4.5	134
4.6	133
4.7	134
4.8	132
4.9	129; 131
4.10	130
4.11	121; 123; 125; 127; 128
4.12	126
4.13	124
4.14	105; 113; 115; 117; 122; 123
4.15=M3	104; 105
4.15a	43; 60; 105
4.16	117; 122
4.17=M5	117; 122
4.18=M6	118
4.19=M6a	83
4.20=M7	119
4.21=P5	112; 113; 116
4.22	103; 104
4.23	42; 91

4.24	90; 102
4.25	88; 101
4.26=P6	85
4.27	79; 83
4.28	79; 84
4.29	79
4.30	79
4.31	79
4.32	79
4.33	79
4.34=C1	79
4.35	86
4.36	79; 89
4.37	79
4.38	87; 100; 114; 120
4.39	79
4.40	79
4.41	79

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

7.3 - Correspondência Actividades / Unidades Base

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

Correspondência Actividades / UB

Actividade	Unidade Base	Complexos
A1	2.1	97
A1	2.2	97
A1	2.3	97
A1	2.4	97
A1	2.5	96;97
A1	2.6	94;96
A1	2.7	95
A1	2.8	74
A1	2.9	76
A1	2.10	76
A1	2.11	75;77;82
A2	4.6	133
A2	2.13	70;71;80;81;92;93;98
A2	2.14	69;72;73
A2	2.15	67
A2	2.16	56;57;58;59;66
A2	2.17=P1	67
A2	2.18=P1	67
A2	1.20=M1	1;7
A2	2.12=M1	69
A2	3.34=M1/M2	62;78;106;107
A2	4.2=M2/M2a	138
A2	4.3	135
A2	4.4	134

A2	4.5	134
A2	1.21=M1	6;29;110;111
A3	2.21=P2	50
A3	4.8	132
A3	4.7	134
A3	2.20=P2	51
A3	2.22=P2	49
A3	2.19	55
A4	2.23	16;25;34;49;52
A4	2.24=P3	22;53;54
A5	2.25	34
A5	2.26=P3a	26
A6	2.27	18;34
A6	2.29	15;24
A6	2.30=M4	14
A7	4.11	121;123;125;127;128
A7	4.12	126
A7	4.13	124
A7	4.14	105;115;117;122;123
A7	4.10	130
A7	4.15=M3	104;105
A7	3.32	121;123
A7	3.31	60
A7	4.9	129;131
A7	3.33	62;78
A7	3.30=M3	61
A8	4.16	117;122
A8	3.27=P4	40

A8	3.28=M5/M5a	64;65
A8	3.29	108
A8	4.17=M5	117;122
A8	1.17=P4	3
A8	1.18	109
A9	4.21=P5	112;113;116
A9	4.20=M7	119
A9	4.15a	43;60;105
A10	3.26	47
A10	3.13=P6	36
A10	3.14	37
A10	3.15	38
A10	3.16=M6	41
A10	3.22	42;43
A10	3.23	43;99
A10	3.24	43;60
A10	3.25	39
A10	1.19	1
A10	1.16	1
A10	1.15	1
A10	1.14	1;68
A10	1.13=P6	1
A10	4.23	42;91
A10	4.22	103;104
A10	4.18=M6	118
A10	4.19=M6a	83
A10	4.26=P6	85
A10	4.27	79;83

A11	2.37	2
A1	4.1	136;137
A11	3.19	35
A11	2.34	21
A11	3.17	35
A11	4.25	88;101
A11	4.28	79;84
A11	3.12	35
A11	3.11	35
A11	3.10	35
A11	1.11a	1
A11	2.36	2
A11	3.20	35
A11	2.38	11
A11	2.39=M8	28
A11	2.40	8;9;10
A11	2.41	2
A11	2.42	2
A11	2.48	2
A11	2.47	2
A11	2.46	33;48
A11	2.45	2
A11	2.44	2
A11	2.35	21
A11	1.11	1
A11	3.18	35
A11	3.21	35
A11	4.31	79

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

A11	4.30	79
A11	2.43	17;18;19
A11	2.31	27;34
A11	2.32	20
A11	2.33	20
A11	4.29	79
A11	1.12	1
A11	2.28	12;13;23
A11	4.24	90;102
A12	3.9=C1	35
A12	4.32	79
A12	4.33	79
A12	4.34=C1	79
A12	4.35	86;113
A13	3.6	44;45;46;63
A13	4.36	79;89
A13	1.9	4;5;30;31;32
A13	1.7	1
A13	1.6	1
A13	3.3	35
A13	3.5	35;46
A13	3.7=C2	46
A13	3.8	35
A13	1.5	1
A13	3.2	35
A13	1.4	1
A13	1.8	1
A13	3.4	35

A14	1.10	1;7
A14	4.39	79
A14	2.49	2
A14	2.54=M9	1
A14	4.38	87;100;114;120
A14	4.40	79
A14	4.41	79
A14	3.1	35
A14	1.3	1
A14	2.53	2
A14	2.52	2
A14	2.51	2
A14	2.50	2
A14	4.37	79

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

7.4 - Lista de Achados

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

Registo de Achados

Corte RDPM.1
Achado 1
Complexo 1
Cota 182,62
Tipologia BOTÃO
Descrição Inventário MRADDS nº 1756-98 (Cx.354).
Cronologia ?

Corte RDPM.2
Achado 1
Complexo 55
Cota 181,67
Tipologia MOEDA
Descrição Inventário MRADDS nº 1757-98 (Cx.351).
Cronologia ?

Corte RDPM.2
Achado 2
Complexo 59
Cota 180,84
Tipologia MOEDA ROMANA
Descrição Sestércio em bronze, cunhado em Roma pelos Filipo pai e filho. Inventário MRADDS nº 1758-98 (Cx.351).
Cronologia 244-249 / 246-249

Corte RDPM.3
Achado 1
Complexo 35
Cota 0
Tipologia MOEDA
Descrição Inventário MRADDS nº 1759-98 (Cx.351).
Cronologia ?

Corte RDPM.3
Achado 2
Complexo 38
Cota 183,01
Tipologia MOEDA
Descrição Inventário MRADDS nº 1762-98 (Cx.351).
Cronologia ?

Corte RDPM.4
Achado 1
Complexo 88
Cota 183,05
Tipologia ALFINETE
Descrição Inventário MRADDS nº 1760-98 (Cx.354).
Cronologia sécs. I-III

Corte RDPM.4
Achado 2
Complexo 88
Cota 183,02
Tipologia ALFINETE
Descrição Inventário MRADDS nº 1761-98 (Cx.354).
Cronologia sécs. I-III

Corte RDPM.4
Achado 3
Complexo 105
Cota 182,69
Tipologia ANEL
Descrição Inventário MRADDS nº 151-99 (Cx.354).
Cronologia Moderno

Corte RDPM.4
Achado 4
Complexo 105
Cota 182,56
Tipologia MOEDA
Descrição Inventário MRADDS nº 152-99 (Cx.351).
Cronologia ?

7.5 - Lista de Distribuição de Espólio

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014

Distribuição de Espólio

Nota Introdutória

A listagem que a seguir se apresenta decorre já do tratamento preliminar e acondicionamento que acompanhou o depósito do espólio no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa. Na actual fase de estudo entendeu-se mais adequado agrupar o espólio por Actividades distinguindo-se, sumariamente, os grandes tipos de fabricos e respectivas cronologias. Os sacos com o espólio mantiveram-se, contudo, separados por complexos. Para evitar “contaminações”, quando um complexo que ofereceu espólio serviu para identificar mais que uma camada/UB, associou-se esse complexo à UB/Actividade mais recente.

Actividade

Complexos (a negro cerâmica; a verde vidro; a vermelho metal)

Espólio

A.1

75, 82, 94, 95, 96, 97

Cerâmicas: comum de tradição indígena; comum fina; comum fina pintada; comum engobe vermelho; cinzenta fina; “bracarense” (imitação de sigillatas); sigillatas hispánicas. Cronologia genérica - meados séc.I / inícios séc.II.

Vidros: verde-gelo (garrafas prismáticas). Cronologia genérica - sécs.I-II.

A.2

56, 57, 58, 59, 66, 67, 70, 72, 80, 81, 92, 93, 133, 134, 135

Cerâmicas: comum de tradição indígena; comum fina; comum fina pintada; comum engobe vermelho; cinzenta fina polida; “bracarense” (imitação de sigillatas); sigillatas hispánicas; sigillatas Claras C e D; sigillata itálica (1 fragmento); ânforas da Bética (vinárias e de *garum*). Cronologia genérica - meados séc.I / inícios séc.II, excepto Clara D, datável de finais do séc.III / inícios do séc.IV. Vidros: verde-gelo (asa de *aribalo*). Cronologia genérica - terceiro quartel séc.I / meados séc.III. Metais: sestércio em bronze, cunhado em Roma por Filipo pai e Filipo filho, entre 244 e 249 (inventário MRADDS n.º 1758-98, Cx. 351).

A.3

51, 55, 132

Cerâmicas: comum de tradição indígena; comum pintada; comum engobe vermelho; sigillatas hispánicas; sigillatas Claras C; ânforas da Bética (vinárias). Cronologia genérica - meados séc.I / inícios séc.II. Vidros: verde-gelo indiferenciados. Cronologia indefinida. Metais: moeda romana mal conservada, não classificável.

A.4

16, 22, 25, 53

Cerâmicas: comum de tradição indígena; comum pintada; comum engobe vermelho; sigillatas hispánicas; sigillatas Claras C. Cronologia genérica - sécs.I-II.

A.5

34

Cerâmicas: comum indiferenciada; comum fina; comum engobe vermelho; cinzenta fina; “bracarense” (imitação de sigillatas); sigillatas hispánicas; ânforas de Rhodes (vinárias). Cronologia genérica - sécs.I-II. Vidros: verde-gelo indiferenciados. Cronologia indefinida.

A.6

15, 18, 24

Cerâmicas: comum de tradição indígena; comum fina; comum engobe vermelho; ânforas da Bética (vinárias). Cronologia genérica - sécs.I-II.

A.7

61, 62, 78, 115, 121, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Cerâmicas: comum indiferenciada; comum fina pintada; ânforas da Bética (vinárias). Cronologia genérica - sécs.I-II. Comuns cinzentas (“bárbaras”). Cronologia genérica - sécs.VI-VIII. Comuns tipo Penafiel de Bastuço e Tibães. Cronologia genérica - sécs.X-XII.

A.8

3, 117, 122

Cerâmicas: comuns cinzentas (“bárbaras”). Cronologia genérica - sécs.VI-VIII. Comuns cinzentas tipo Dume. Cronologia genérica - sécs.VIII-X. Comuns tipo Penafiel de Bastuço e Tibães. Cronologia genérica - sécs.X-XII. Comuns tipo Nossa Senhora do Leite, Braga e Santa Cruz da Vilarça. Cronologia genérica - sécs.XIII-XIV. Vidradas policromadas tipo Saintonge, França. Cronologia genérica - sécs.XIII-XIV.

A.9

105, 113, 119

Cerâmicas: comuns tipo Nossa Senhora do Leite, Braga. Cronologia genérica - sécs.XIV-XV. Comuns (vermelhas e cinzentas) e vidradas (chumbo) de Barcelos/Prado. Cronologia genérica - sécs.XVI-XVIII. Faianças lisas. Cronologia genérica - sécs.XVII-XVIII. Metais: moeda mal conservada e anel, não classificáveis.

A.10

37, 38, 39, 43, 68, 91, 99, 103, 104

Cerâmicas: comuns tipo Penafiel de Bastuço e Tibães. Cronologia genérica - sécs.X-XII. Vermelha pintada branco de Leão / Galiza (?). Cronologia genérica - sécs.XII-XIII. Comuns tipo Nossa Senhora do Leite, Braga. Cronologia genérica - sécs.XIV-XV. Comuns (vermelhas e cinzentas), vidradas (chumbo), de construção (tijolo) e decorativa (azulejo pintado azul) de Barcelos/Prado. Cronologia genérica - sécs.XVI-XVIII. Faianças lisas e pintadas (azul e vinhático). Cronologia genérica - sécs.XVII-XVIII. Metais: moeda mal conservada, não classificável.

A.11

8, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 21, 27, 48, 88, 90, 101, 102

Cerâmicas: comum de tradição indígena; comum fina; sigillatas hispánicas; ânforas da Bética (vinárias). Cronologia genérica - meados séc.I / inícios séc.II. Vidradas decoração plástica tipo Paris/Rouen, França. Cronologia genérica - sécs.XIII-XIV. Comuns (vermelhas e cinzentas), vidradas (chumbo), de Barcelos/Prado. Cronologia genérica - sécs.XVI-XVIII. Faianças lisas e pintadas (azul e vinhático). Cronologia genérica - sécs.XVII-

XVIII. Vermelhas com empedrado (centros de produção meridionais). Cronologia genérica - sécs.XVII-XVIII. Vidros: verde-gelo indiferenciados. Cronologia indefenida. Metais: alfinetes comuns. Cronologia genérica - sécs. I-III.

A.12

86

Cerâmicas: comuns tipo Penafiel de Bastuço e Tibães. Cronologia genérica - sécs.X-XII. Comuns tipo Nossa Senhora do Leite, Braga. Cronologia genérica - sécs.XIV-XV. Comuns (vermelhas e cinzentas) e vidradas (chumbo) de Barcelos/Prado. Cronologia genérica - sécs.XVI-XVIII. Faianças lisas e pintadas (azul e vinhático). Cronologia genérica - sécs.XVII-XVIII.

A.13

5, 44, 45, 63

Cerâmicas: comuns tipo Nossa Senhora do Leite, Braga. Cronologia genérica - sécs.XIV-XV. Comuns (vermelhas e cinzentas) e vidradas (chumbo) de Barcelos/Prado. Cronologia genérica - sécs.XVII-XIX. Faianças lisas e pintadas. Cronologia genérica - sécs.XVIII-XIX.

A.14

1, 7, 35, 79, 87

Cerâmicas: de todos os tipos, com predominância de fabricos medievais e modernos. Metais: moeda mal conservada e botão, não classificáveis.

7.6 - Fotocópias dos desenhos de campo

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 45, 2014